

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
CURSO DE BACHARELADO EM LETRAS

ELISA FERNANDES RODRIGUES

**O ACONTECIMENTO EM TRADUÇÃO:**  
**sobre a reescrita autobiográfica em Annie Ernaux**

PORTO ALEGRE

2016



ELISA FERNANDES RODRIGUES

**O ACONTECIMENTO EM TRADUÇÃO:  
sobre a reescrita autobiográfica em Annie Ernaux**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do curso de Bacharelado em Letras — Tradutor Português e Francês do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Bacharela em Letras.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sandra Dias Loguercio  
Coorientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Denise Regina de Sales

PORTO ALEGRE

2016

### CIP - Catalogação na Publicação

Rodrigues, Elisa Fernandes

O acontecimento em tradução: sobre a reescrita autobiográfica em Annie Ernaux / Elisa Fernandes Rodrigues. -- 2016.

80 f.

Orientadora: Sandra Dias Loguercio.

Coorientadora: Denise Regina de Sales.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Curso de Letras: Tradutor Português e Francês, Porto Alegre, BR-RS, 2016.

1. Tradução comentada. 2. Tradução literária. 3. Gênero autobiográfico. 4. L'événement. 5. Annie Ernaux. I. Loguercio, Sandra Dias, orient. II. Sales, Denise Regina de, coorient. III. Título.

Elisa Fernandes Rodrigues

**O ACONTECIMENTO EM TRADUÇÃO:  
sobre a reescrita autobiográfica em Annie Ernaux**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do curso de Bacharelado em Letras — Tradutor Português e Francês do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Bacharela em Letras.

Aprovado em 12 dez. 2016.

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sandra Dias Loguercio — Orientadora

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Denise Regina de Sales — Coorientadora

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Liliam Ramos da Silva — UFRGS

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Patrícia Chittoni Ramos Reuillard — UFRGS

## AGRADECIMENTOS

*Elles forment en moi une chaîne invisible où se côtoient des artistes, des écrivaines, des héroïnes de roman et des femmes de mon enfance. J'ai l'impression que mon histoire est en elles.*

(ERNAUX, 2011, p. 285)

A minha mãe, referência maior, por ter me ensinado que mulher é laço e ao mesmo tempo força e liberdade. Por ter me apresentado o caminho das letras. Por andar ao meu lado e me apoiar em cada uma das minhas escolhas. A meu pai e a meu irmão, pelo enorme carinho e parceria. À Bruna, por ser entranha, amizade e conexão sem fim.

A minha orientadora Sandra Loguercio, exemplo de tradutora e professora, agradeço por ter mergulhado comigo neste projeto e por me instigar a ir sempre além. Obrigada por todo o aprendizado durante os últimos cinco anos e pela orientação excepcional.

A minha coorientadora Denise de Sales, pelas contribuições para este trabalho, pelo apoio e pela inspiração.

À professora Patrícia Reuillard, por exercer sua profissão com tamanha paixão e por acreditar tanto no potencial de seus alunos. Agradeço por ter me ensinado a refletir criticamente sempre e a defender minhas escolhas, na tradução e na vida. Agradeço pelo carinho e pela amizade.

Ao Instituto de Letras da UFRGS, por minha formação. A todos os meus professores, pelos ensinamentos que levo comigo, com o fechamento deste ciclo. Às mulheres do Termisul, por serem brilhantes no que fazem.

A meus alunos, com quem descobri outra paixão — a docência —, por me lembrarem que a tradução, embora seja um ofício na maior parte das vezes bastante solitário, destina-se a pessoas. Que a tradução comunica, troca e toca. Ao programa Erasmus EBW+, pela oportunidade de estudar em Lille e entrar em contato com a didática. Ao NELE e à professora Rosa Maria Graça, pela confiança e acolhimento.

Às comunidades feminista e LGBT, por me ajudarem a me construir todos os dias. Por lutarem por mim, por nós.

Aos amigos incríveis que conheci durante a graduação e que fizeram da Letras um lugar tão especial e acolhedor. Ao Daniel, ao João e ao Renan, grandes amigos, presentes em todas as horas, desde o começo, agradeço por compartilharem tanto de suas vidas comigo. À parceira de tradução Julia, pela mão para subir na *Jangada* e pelas tantas experiências especiais vividas juntas, Amazonas abaixo. Ao Frank, Luiz, Camila, Ariel, Eduardo, Fabiana, aos integrantes do FIVES e da Turma da Júeta, por serem exatamente quem são.

À Samanta, *événement* do meu ano, obrigada por acompanhar de perto o nascimento deste trabalho. Obrigada por ser assim, leve em minha vida.

A Annie Ernaux, por escrever e me permitir desabrochar através de suas palavras.

*Tout le passé est nécessaire pour aimer le  
présent.*  
(ERNAUX, 2011, p. 70)

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar uma tradução comentada do romance *L'événement* (2000), de Annie Ernaux, e refletir acerca da tradução de textos literários autobiográficos. O projeto de tradução do livro foi delimitado levando-se em conta as particularidades do gênero autobiográfico, em especial o papel central das referências culturais — relativas a lugares, fatos históricos, músicas, livros, entre outras — na narrativa. A importância dessas referências na obra está no fato de demarcarem um acontecimento único — vivido e transmitido como tal —, o que motivou a escolha por uma tradução permeável, segundo definição de Benedetti (2003), diretriz que permite enfatizar a subjetividade característica do texto autobiográfico. Além disso, o fato de *L'événement* consistir no relato de um aborto clandestino vivido pela autora em 1964 na França, onde a prática é legal desde 1975, também abre espaço para o debate sobre a legalização do aborto no Brasil, sendo essa uma das principais motivações para a tradução do livro. Assim, apresento, em um primeiro momento, a autora Annie Ernaux e sua obra, para, em seguida, revisitar noções importantes para a tradução de *L'événement* enquanto literatura autobiográfica, tais como a permeabilidade da tradução, o gênero autobiográfico, o ritmo da prosa e a imbricada relação entre língua e cultura nela presente, o que vem justificar também o apêndice cultural anexado à tradução. Apresento, então, a proposta de tradução do francês para o português de um trecho do livro, intitulado *O acontecimento* em minha tradução, acompanhada de uma amostra do apêndice cultural. Por fim, comento as escolhas tradutórias, classificando-as conforme as técnicas de tradução empregadas, através das quais se dá a permeabilidade.

Palavras-chave: **Tradução comentada. Tradução literária. Gênero autobiográfico. L'événement. Annie Ernaux.**

## RÉSUMÉ

L'objectif de cette étude est de présenter une traduction commentée du roman *L'événement* (2000), de l'écrivaine française Annie Ernaux, vers le portugais brésilien, tout en proposant une réflexion sur la traduction de textes littéraires autobiographiques. Notre projet de traduction repose sur les spécificités du genre autobiographique, notamment sur le rôle essentiel joué par les références culturelles — concernant des lieux, des faits historiques, des chansons, des livres, etc. — dans le récit. L'intérêt de ces références pour l'oeuvre est d'aider à circonscrire un événement singulier — vécu et transmis comme tel —, ce qui justifie le choix d'une traduction dite perméable, selon Benedetti (2003), dans la mesure où elle permet de mettre l'accent sur la subjectivité inhérente au texte autobiographique. Par ailleurs, le fait que *L'événement* porte sur un avortement clandestin vécu par l'auteure dans les années 60 en France, où l'IVG est légal depuis 1975, permet de faire débattre la criminalisation de l'avortement au Brésil, l'une des principales motivations de cette traduction. Pour ce faire, nous présentons premièrement la trajectoire d'Annie Ernaux ainsi qu'un aperçu de son oeuvre, et discutons des notions importantes pour la traduction de *L'événement* en tant que littérature autobiographique, telles que la perméabilité de la traduction, le genre autobiographique, le rythme de la prose et l'étroite relation entre langue et culture y présente, ce qui nous a amenée à proposer un appendice culturel pour la traduction. Nous présentons, ensuite, la traduction du français vers le portugais brésilien d'un extrait du livre, nommé *O acontecimento* dans la traduction, suivie d'un échantillon de l'appendice culturel. Enfin, nous avançons des commentaires sur certains choix de traduction en les classifiant selon les techniques de traduction employées, celles-ci rendant le texte perméable.

Mots-clés: **Traduction commentée. Traduction littéraire. Genre autobiographique. L'événement. Annie Ernaux.**

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 — Situação das legislações sobre o aborto no mundo em 2014 .....	24
Figura 2 — Situação das legislações sobre o aborto no mundo em 2015.....	25
Tabela 1 — Equivalentes em português e francês relacionados à gravidez .....	72

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>2</b>	<b>APRESENTAÇÃO DA AUTORA E DA OBRA.....</b>	<b>15</b>
2.1	ANNIE ERNAUX E OBRA.....	15
2.2	<i>L'ÉVÉNEMENT</i> E O ABORTO.....	19
<b>3</b>	<b>PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E PRINCÍPIOS ADOTADOS.....</b>	<b>31</b>
<b>4</b>	<b>PROPOSTA DE TRADUÇÃO DE <i>L'ÉVÉNEMENT</i>: O ACONTECIMENTO.....</b>	<b>39</b>
4.1	APÊNDICE CULTURAL.....	52
<b>5</b>	<b>COMENTÁRIOS SOBRE A TRADUÇÃO.....</b>	<b>57</b>
5.1	EMPRÉSTIMO.....	57
<b>5.1.1</b>	<b>Empréstimo grafado em itálico.....</b>	<b>58</b>
<b>5.1.2</b>	<b>Empréstimo grafado sem itálico.....</b>	<b>61</b>
5.2	AMPLIFICAÇÃO.....	62
5.3	EQUIVALÊNCIA FUNCIONAL.....	67
5.4	TRADUÇÃO DO RITMO.....	70
5.5	APÊNDICE CULTURAL.....	72
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>75</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>79</b>



## 1 INTRODUÇÃO

*Estou me criando. E andar na escuridão completa à procura de nós mesmos é o que fazemos. Dói. Mas é dor de parto: nasce uma coisa que é. É-se.*  
(LISPECTOR, 1998, p. 45)

A ideia para este trabalho surgiu da leitura do romance autobiográfico *L'événement* (2000), escrito pela autora francesa Annie Ernaux, que muito me tocou, o que me motivou a, passando do lugar de leitora para o de tradutora, propor-me a traduzi-lo, especialmente após verificar a inexistência de tradução da obra para o português, tanto brasileiro quanto europeu. Ao buscar delimitar o projeto de tradução do romance em questão, deparei-me, antes de tudo, com os seguintes questionamentos: quais seriam as particularidades do texto literário autobiográfico e que implicações elas teriam para a tradução? Qual seria o projeto de tradução mais adequado e, principalmente, que atitude tomar frente às referências culturais, numerosas e essenciais para a narrativa — uma vez que caracterizam uma experiência única, vivida por uma pessoa única, em um momento e lugares únicos —, ao traduzir esse gênero?

*L'événement* é um relato autobiográfico sobre a vivência de um aborto pela escritora em 1964, época em que essa ainda era uma prática ilegal na França. Contudo, graças ao movimento feminista dos anos 70, o aborto foi legalizado no país em 1975 e atualmente as mulheres francesas contam com diversas políticas públicas que as amparam em sua escolha quanto a dar ou não continuidade a uma gravidez. Desse modo, a tradução da obra para o português brasileiro também dá margem para a discussão acerca da legalização do aborto no Brasil, tema tão relevante para as mulheres e ainda tão tabu em nossa sociedade.

O presente trabalho, em que discuto essas questões a partir da tradução comentada de um trecho de *L'événement*, justifica-se sobretudo pela ausência de tradução do livro e de outras obras da escritora Annie Ernaux no Brasil, bem como pela necessidade e urgência de se questionar o atual *status* legal do aborto no país — debate que a publicação da tradução da obra pode alimentar e ajudar a embasar. Os objetivos deste trabalho são, portanto, de diferentes níveis: propor uma tradução de *L'événement* para o português brasileiro; debater as características do gênero literário autobiográfico para fins de tradução; refletir sobre a tradução das referências culturais presentes em relatos autobiográficos; promover a discussão acerca da legalização do aborto no Brasil; e, por fim, oferecer um texto literário que permita

ao leitor, e principalmente à leitora, entrar em contato, através do Outro, consigo mesmo e com sua própria história.

Retraço, aqui, em um primeiro momento, a trajetória da escritora Annie Ernaux, apresentando um panorama geral de sua obra, para, em seguida, discutir as características do romance *L'événement*. A partir do enredo do livro, retomo os passos que levaram à conquista do direito ao aborto na França e discuto brevemente o atual *status* legal do aborto no Brasil.

O estudo da obra e do gênero em questão levaram-me à escolha por uma tradução permeável do romance — diretriz em que há maior adesão à cultura, ao léxico e à estrutura sintática do texto e da língua de partida —, justificada principalmente pelo fato de se tratar de um relato autobiográfico. Em *L'événement*, as referências culturais, os implícitos e os não-ditos têm um lugar importante, visto que dizem respeito a uma experiência singular que de fato aconteceu. Assim, a leitura do texto viabilizada por uma tradução permeável pode remeter à escrita de um diário ou a uma sessão de análise, em que nem tudo está dado ou explicado, fator que vem reforçar a subjetividade característica do relato autobiográfico.

Sendo assim, para embasar esse projeto de tradução, reviso as noções de *estrangeirização* e *domesticação* de Venuti (2002) a fim de explicar o porquê da adoção, neste trabalho, do conceito de *permeabilidade da tradução* proposto por Benedetti (2003). Cabe assinalar que a escolha por uma tradução permeável neste projeto não se deve à busca pela fidelidade tradutória; pelo contrário, a tradução é entendida aqui como um processo interpretativo, decorrente de uma leitura, o que faz com que não existam traduções corretas, mas traduções possíveis (ARROJO, 2007).

Além disso, dada a importante relação entre língua e cultura na obra (GALISSON, 1991), proponho o acréscimo de um *apêndice cultural* para a tradução, que viria contribuir com informações novas em relação à cultura do texto de partida e ao quadro contextual da história sem se intercalar, a exemplo das notas de rodapé, à narrativa propriamente dita, mas configurando uma seção quase independente.

Retomo, então, a noção de *ritmo* para Meschonnic (1999), importante para a tradução deste livro, pois, uma vez que se traduz discurso e não língua, não apenas o sentido como também a forma como esse sentido se realiza na língua são importantes para o efeito desta narrativa tão atravessada pela subjetividade. Em um último momento, apresento minha proposta de tradução para *L'événement*, intitulado *O acontecimento* em minha tradução, e comento minhas escolhas tradutórias, elencadas e classificadas segundo as técnicas de tradução empregadas, definidas segundo Hurtado Albir (2008) e Nord (2008).

## 2 APRESENTAÇÃO DA AUTORA E DA OBRA

*um útero é do tamanho de um punho  
 num útero cabem capelas  
 cabem bancos hóstias crucifixos  
 cabem padres de pau murcho  
 cabem freiras de seios quietos  
 cabem as senhoras católicas  
 que não usam contraceptivos  
 cabem as senhoras católicas  
 militando diante das clínicas  
 às 6h na cidade do México  
 e cabem seus maridos  
 em casa dormindo  
 cabem cabem  
 sim cabem  
 e depois vão  
 comprar pão  
 (FREITAS, 2012, p. 61)*

Neste capítulo, apresentarei, em um primeiro momento, Annie Ernaux, escritora de *L'événement*, livro traduzido para este trabalho, bem como um breve panorama da obra da autora. Em um segundo momento, tratarei das características de *L'événement*, relato autobiográfico sobre um aborto realizado pela autora em 1964, discutindo, em seguida, o *status* do aborto na França e no Brasil.

### 2.1 ANNIE ERNAUX E OBRA

Annie Ernaux — Annie Duchesne antes do casamento — nasceu em 1940 em Lillebonne e passou a infância em Yvetot, duas pequenas cidades no interior da Normandia, noroeste da França. Além de escritora, é professora de Letras atualmente aposentada. Oriunda de uma família humilde de operários e pequenos comerciantes, foi incentivada pelos pais a ir à escola e a seguir os estudos, algo incomum para as meninas da época. Estudou Letras nas universidades de Rouen e Bordeaux. O salto de classe social, que se deu pelos estudos e pelo casamento com um homem de um meio social abastado, será um tema frequente em sua escrita.

Ernaux<sup>1</sup> escreve sobretudo livros em prosa de gênero autobiográfico, incitando reflexões do âmbito da sociologia. Seu estilo de escrita é direto, sem eufemismos, formal, com espaço para algumas gírias. Escreve com frases curtas driblando às vezes a norma, como a mudança súbita do sujeito da frase. Os temas das relações pessoais e do feminismo perpassam sua obra. Sobre a escrita, diz: “Escrever é, para mim, uma atividade política, que pode contribuir para a revelação e mudança do mundo ou, ao contrário, reforçar a ordem social, moral existente” (ERNAUX, 2003, p. 74)<sup>2</sup>.

Mais especificamente, Ernaux aborda assuntos como a ascensão social dos pais, seu casamento, sua vida sexual, a doença de Alzheimer e a morte da mãe, seu aborto, sua vivência do câncer de mama, entre outros. Annie Ernaux já publicou mais de vinte livros e foi agraciada com mais de cinco prêmios literários, como o *Prix Renaudot* em 1984 e o *Prix de la langue française* em 2008. Seu último livro, *Mémoire de fille*, foi lançado em 2016.

Quase não há livros da autora traduzidos para o português brasileiro atualmente: localizei uma tradução de *La Place* e *Une femme*, publicados em um mesmo volume como *Um lugar ao sol seguido de Uma mulher*, traduzidos por Eduardo Saló, pela editora Livros do Brasil, em 2000, e de *Une passion*, publicado como *Uma paixão simples*, traduzido por Adalgisa Campos da Silva, pela editora Objetiva, em 1994. No entanto, essas traduções não são encontradas nas grandes livrarias, apenas em sebos, o que indica que provavelmente não estejam mais sendo editadas. Quanto à obra *L'événement*, não existe tradução para o português. Assim, apesar de premiada e com uma produção vigorosa, trata-se de uma escritora pouco lida e pouco conhecida no Brasil.

O projeto de escrever a vida — não a própria vida, não uma vida, mas *a* vida — guia a escrita da autora. Ernaux trabalha incessantemente com o contraponto entre o interno e o externo, entre o particular e o universal. A autora parte do princípio de que todos lidam com as

---

<sup>1</sup> Neste trabalho, referir-me-ei à autora usando seu nome completo ou apenas o sobrenome Ernaux e à personagem do livro *L'événement*, a própria escritora trinta e cinco anos antes do momento da escrita, apenas como Annie.

<sup>2</sup> No texto de partida (doravante TP) em francês: “Écrire est, selon moi, une activité politique, c’est-à-dire qui peut contribuer au dévoilement et au changement du monde ou au contraire conforter l’ordre social, moral existant”. Todas as citações acompanhadas do TP em nota de rodapé foram traduzidas para os propósitos deste trabalho.

mesmas questões — o corpo, a sexualidade, a educação, a doença, a trajetória social, a relação com os outros, o luto —, mas as experienciam de forma individual. Desse modo, ela se serve de sua vida como matéria, mergulhando e explorando experiências pessoais, para buscar alcançar uma verdade própria da sensibilidade humana. Não por acaso, portanto, suas vivências e emoções são tão únicas que o leitor consegue se identificar com elas e identificar nelas suas próprias vivências e emoções, igualmente singulares. Disso decorre que o *je* (eu) presente em sua obra não diz respeito somente à autora, sendo também atravessado por outras vozes sociais.

A autora trabalha muito com o corpo, com a maneira como as nossas vivências se dão com e através dele, de modo que os sentidos e o sentir estão muito presentes em sua obra. Assim, também não é raro que, lendo um trecho em que Ernaux aprofunda uma de suas experiências, relatando detalhes como a sensação do vento na pele ou descrevendo o reflexo de uma luz, o leitor se lembre de experiências suas até então esquecidas, apagadas, de tão triviais, em que provou as mesmas sensações. Nesse sentido, uma das proezas de seus livros é permitir que o leitor pense sobre si mesmo e sinta através do Outro.

Faço a ressalva de que o leitor a que me refiro aqui, que mais provavelmente se identificará com a obra de Annie Ernaux, é sobretudo a leitora: é a mulher ocidental que viveu durante ou após a revolução sexual dos anos 60 e 70, após a criação do anticoncepcional, que permitiu que a mulher tivesse mais controle sobre a gravidez e liberdade em suas relações sexuais, podendo escolher quando e até mesmo *se* deseja ter filhos. É a mulher sensível à luta pela igualdade de gênero, que já pode ocupar outros espaços sociais que não apenas o de mãe e dona de casa. Isso não significa, contudo, que as questões do feminismo, como a legalização do aborto, não digam respeito à sociedade como um todo ou que não devam interessar também os homens.

Outro fio condutor da obra e da vida da autora é tecido por três elementos inextricáveis: a *quête de soi* (busca de si mesma), a escrita e a memória — estando os dois últimos provavelmente a serviço do primeiro. Por meio da memória, Ernaux revisita sua história tentando entender quem é e em que sentido seu eu-passado é ou deixa de ser seu eu-

presente. Trata-se de uma busca pelo autoconhecimento que se dá através da escrita: “É uma busca. [...] Nada está escrito de antemão. É também a narrativa de uma escrita, a narrativa de uma busca que acontece ao mesmo tempo em que exponho o que aconteceu”<sup>3</sup>. Escrever é uma atividade vital para Ernaux, do mesmo modo que a vida e a recordação estão, para ela, imbricadas. Finalmente, sobre o papel da escrita em sua vida, a autora diz: “O que desejo é impossível, é reviver as coisas”<sup>4</sup> (ERNAUX, 2011, p. 54).

Também não é por acaso que *Écrire la vie* (2011), uma compilação de onze livros e textos inéditos de Ernaux, é introduzida por trechos de diários da autora escritos desde 1963 e fotos suas em diferentes momentos da vida: as fotografias constituiriam um retrato externo, do que ela era para os outros, enquanto os diários (ao lado da memória) seriam a prova do que ela pensava, sentia, o reflexo de quem era internamente.

Ernaux parece lidar permanentemente com a questão do feminino, assim como do feminismo. Desse modo, cabe neste contexto refletir sobre as questões levantadas por Ana Cristina Cesar nos ensaios “Rio corrente, depois de Eva e Adão...” e “Excesso inquietante” (CESAR, 1999): existiria uma “literatura de mulher”? Se sim, em que sentido uma literatura feminina seria distinta de uma literatura masculina — pela temática, pela forma? É fácil constatar que Ernaux trata de temáticas inerentes ao feminino, como o aborto, em *L'événement*; mas também “femininamente”, como chamaria Ana C., isto é, “de forma errante, descontínua, desnivelada, expondo com intensidade muito sentimento em estado bruto” (CESAR, 1999, p. 249). Isso pode estar relacionado à maneira como a mulher<sup>5</sup> vive, desde cedo, as mudanças constantes do seu corpo — através da menstruação, contracepção, aborto, gravidez, amamentação, menopausa —, mas também a aspectos culturais, se entendermos o gênero e a feminilidade, à qual também está associada a noção de maternidade, como construções sociais.

---

<sup>3</sup> No TP em francês: “C’est une recherche. [...] Rien n’est écrit à l’avance. C’est aussi le récit d’une écriture, c’est le récit d’une recherche qui a lieu au même temps que j’expose ce qui a eu lieu”. (Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dbGUcQjsoPg>>. Acesso em: 15 out. 2016).

<sup>4</sup> No TP em francês: “Ce que je désire est impossible, c’est revivre les choses.”

<sup>5</sup> Refiro-me aqui essencialmente às mulheres cisgêneras, cuja identidade de gênero corresponde ao gênero designado no nascimento, com base no sexo biológico.

Cabe ressaltar que Ana Cristina Cesar não se faz essas perguntas ingenuamente, sem levar em conta a carga pejorativa presente em tudo aquilo que é dito “de mulher”: costuma-se falar, por exemplo, em “literatura de mulher” para se referir a uma literatura menos valorizada, mais comercial, dita “barata” e “fútil”, que trata principalmente de romances de forma rasa, idealizada, sem suscitar grandes reflexões ou questionamentos. Ana C. levanta essas questões pensando menos no público-leitor e mais no processo de escrita: o fato de o texto ser escrito por uma mulher influencia e deixa marcas em sua produção, em sua forma de se expressar e interagir com o mundo? E se parece que sim, de que forma? Talvez não haja resposta ou uma só resposta para os questionamentos da poeta; creio, porém, que eles estejam em jogo quando se lê e traduz Ernaux e, provavelmente, toda e qualquer mulher.

## 2.2 *L'ÉVÈNEMENT* E O ABORTO

O romance *L'événement*, de Annie Ernaux, foi escrito de fevereiro a outubro de 1999 e publicado em 2000, na França, pela editora Gallimard. Já foi traduzido para o inglês, japonês, turco, hebreu, basco, não havendo tradução publicada para o português, europeu ou brasileiro, até o momento<sup>6</sup>.

O romance começa pelo dia em que Annie, personagem principal e narradora do livro, está esperando o resultado de um teste para HIV — não sabemos exatamente quando, mas com certeza a partir dos anos oitenta, uma vez que a AIDS foi identificada em 1981 —, situação que a remete para o momento em que, em 1963, aos 23 anos, esperava o médico confirmar se estava grávida ou não. É essa associação que introduz o relato sobre o aborto vivenciado pela escritora em 1964, após a confirmação da gravidez.

Trata-se de uma experiência real, portanto de uma narrativa autobiográfica, que aconteceu trinta e cinco anos antes do momento de enunciação, sobre a qual Ernaux escreve para elaborar um acontecimento traumático e para tentar compreender que papel ele teve em

---

<sup>6</sup> Dados com base no catálogo internacional de bibliotecas disponível em: <<http://www.worldcat.org>>. Acesso em: 10 set. 2016.

sua vida. Ernaux busca, através desse relato, reviver essa história, reconciliar-se com seu passado e ressignificar essa vivência dolorosa, transformando-a em algo criativo.

Cabe lembrar que em 1964 o aborto ainda era uma prática ilegal na França. Até a implementação da lei Neuwirth, em 1967, era inclusive proibido o uso de todo e qualquer método contraceptivo no país. Atualmente, a IVG, *interrupção voluntária da gravidez* — como é chamado na França o aborto provocado realizado por motivos não médicos — é legal e entendida como um direito de escolha da mulher. Essa lei está prevista pelo artigo L.2212-1 do Código da Saúde Pública da legislação francesa<sup>7</sup>.

Esse direito foi conquistado em 17 de janeiro de 1975 com a lei Veil, proposta pela ministra da saúde Simone Veil. No entanto, até então sempre houve duras repressões àqueles que praticassem o aborto, culminando em casos de pena de morte, principalmente na França de Vichy, sendo um deles o famoso caso de Marie-Louise Giraud<sup>8</sup>. Na França, costumava-se chamar as aborteiras de *faiseuses d'anges*, literalmente “fazedoras de anjos”. Existiam também homens *faiseurs d'anges*, mas esses eram menos frequentes. Os abortos clandestinos eram realizados principalmente por mulheres, normalmente sem formação médica, e por métodos que colocavam em risco a vida da mulher grávida.

A aprovação da lei Veil foi consequência do engajamento do movimento feminista do começo dos anos 70, especialmente do Movimento das 343, em 1971 — petição publicada pela revista *Le Nouvel Observateur* assinada por 343 mulheres, dentre elas diversas celebridades como Simone de Beauvoir e Catherine Deneuve, que declararam já terem feito um aborto —, e do processo de Bobigny de 1972, em que quatro mulheres além da vítima foram julgadas por terem auxiliado uma menina de 17 anos, grávida em consequência de um estupro, a abortar. Uma das limitações da lei Veil era que previa a possibilidade de aborto para quando a mulher estivesse em situação de *détresse*, isto é, de desespero, desamparo, angústia.

---

<sup>7</sup> As informações sobre o aborto na França foram consultadas majoritariamente no *site* oficial do governo sobre a IVG: <<http://www.ivg.social-sante.gouv.fr/un-droit-garanti-par-la-loi.html>>. Acesso em: 11 set. 2016.

<sup>8</sup> Marie-Louise Giraud (1903-1943) foi uma aborteira francesa guilhotinada por ter praticado 27 abortos ilegais. Esses foram realizados durante a Segunda Guerra Mundial, época em que, com a separação dos casais, a fome e os estupros por soldados, recorreu-se bastante ao aborto. O filme *Une femme d'affaires* (1988), de Claude Chabrol, conta sua história. Além de Marie-Louise, um homem francês também foi executado no mesmo ano pelos mesmos motivos.

A lei Vallaud-Belkacem de 2014 vem atualizar essa lei eliminando a noção de *détresse*, deixando a mulher livre para tomar as decisões sobre seu próprio corpo e prevendo multa para o impedimento de acesso ou distorção de informações relacionadas à IVG. Em 2013, a ministra Najat Vallaud-Belkacem também lançou o *site* governamental <<http://www.ivg.gouv.fr>> para fornecer à população orientações sobre a IVG.

Atualmente uma IVG pode ser praticada na França até o fim da 12<sup>a</sup> semana de gravidez ou até a 14<sup>a</sup> semana de amenorreia. Já o aborto por razão médica é realizado quando a gravidez coloca a vida da mulher em risco ou quando o feto tem alguma doença grave e incurável; nesse caso, o aborto pode ser realizado até o último momento da gravidez. Todas as mulheres grávidas podem decidir por uma IVG, sejam elas maiores ou menores de idade, e o pedido do aborto só pode ser feito por elas. Não é necessário que a mulher menor de idade seja acompanhada pelos pais e garante-se o segredo do aborto se for do seu desejo; no entanto, ela deve estar acompanhada por algum adulto da sua escolha. Na França, às mulheres estrangeiras também é garantido esse direito. Além disso, existem dois métodos para a IVG, que ficam à escolha da mulher: o medicamentoso e o cirúrgico.

Até 2015, o médico devia respeitar o prazo de uma semana de reflexão entre o pedido de IVG e sua prescrição, durante a qual a mulher devia pensar se tinha mesmo certeza de sua escolha. O problema disso era que, como há um número máximo de semanas de gravidez em que a mulher pode recorrer ao aborto e como existem filas de espera para realizar o procedimento, várias mulheres deixavam de poder fazê-lo. No ano passado, esse prazo de reflexão foi suprimido. A partir de 2016, a seguridade social francesa passou a reembolsar 100% das despesas com a IVG. Também é disponibilizado apoio psicológico, opcional para maiores de idade e obrigatório para menores de idade.

Estima-se que, na França, em torno de 40% das mulheres recorrerão ao aborto alguma vez na vida. Desde a lei Veil, o número de abortos por ano permanece curiosamente estável, girando em torno de 200.000. Isso ocorre porque há dois fenômenos que se anulam estatisticamente: ao mesmo tempo em que há menos gravidezes imprevistas, aborta-se mais do que antigamente. No entanto, pode-se pensar que a taxa de abortos por mulheres diminui,

visto que o número de mulheres na França aumenta e o número de abortos permanece constante; isso pode ser atribuído à maior consciência e acesso a métodos anticoncepcionais.

Sobre essa questão, a ginecologista francesa Marie-Laure Brival<sup>9</sup> diz que não existe qualquer razão para essa taxa diminuir, visto que o aborto é um fato social, um fato da vida que sempre existiu e sempre existirá. Nenhum método contraceptivo é 100% seguro, de modo que toda mulher cisgênera, heterossexual ou não, em idade fértil, sempre terá o risco da fecundação. Desse modo, permitir que a gravidez evolua ou optar pelo aborto é uma escolha que as mulheres fazem desde sempre, sendo essa escolha afetada por aspectos econômicos, ambientais, legais, políticos, emocionais, éticos.

Brival também pontua que não se trata de uma questão de falta de informação, já que 2/3 dos abortos são realizados por mulheres que faziam uso de algum método anticoncepcional. Segundo a médica, deverá ocorrer uma revolução cultural para entendermos a IVG não como um fracasso, mas como uma solução legítima para uma gravidez indesejada. Rachel Atkins, CEO da Vermont Women's Health Center, afirma que “Não existem ‘mulheres que abortam’ e ‘mulheres que têm filhos’. Elas são as mesmas mulheres, em momentos diferentes de suas vidas”<sup>10</sup>.

No Brasil, o acesso a informações oficiais relacionadas ao aborto é bastante limitado, visto que este ainda é um procedimento criminalizado no país. A jornalista Bianca Santana escreve para a revista CULT sobre o atual *status* do aborto no Brasil:

No Brasil, o aborto só é permitido em caso de estupro, se há risco de morte para a mãe ou se o feto é anencéfalo. Apesar do direito, há poucos hospitais públicos que realizam o procedimento, 37 em todo o país [...]. Em 2015, foram realizados 10.623 abortos legais no país. Segundo dados divulgados pelo Sistema Único de Saúde (SUS), mais de 181 mil mulheres passaram por atendimento pós-aborto, a curetagem, causada por aborto espontâneo, clandestino ou por complicações pós-parto. Ou seja: as mulheres abortam, mesmo que seja ilegal. A Pesquisa Nacional de Aborto (PNA), de 2010, [...] estima que uma a cada cinco brasileiras faz pelo menos um aborto até os quarenta anos de idade. As mulheres com melhor condição econômica procuram clínicas clandestinas que realizam o procedimento em segurança. E as mulheres pobres recorrem a métodos inseguros que colocam o aborto como a quinta causa de mortalidade materna no país. A legislação, portanto,

---

<sup>9</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-FltWPxbeoQ>>. Acesso em: 10 set. 2016.

<sup>10</sup> No TP em inglês: “There aren't ‘women who have abortions’ and ‘women who have babies’. Those are the same women at different points of their lives”. Disponível em: <[http://www.mabelwadsworth.org/index.php?option=com\\_content&task=view&id=15](http://www.mabelwadsworth.org/index.php?option=com_content&task=view&id=15)>. Acesso em: 21 nov. 2016.

não acompanha a prática social e gera um grave problema de saúde pública. Que pode piorar. O Projeto de Lei n. 5.069/2013, que tramita no Congresso Nacional, busca dificultar ainda mais o direito ao aborto. Em caso de estupro, segundo o texto, as mulheres precisariam notificar as autoridades e passar por exame de corpo de delito. (SANTANA, 2016, p. 34)

O advogado Diego Barbosa explica qual é o tratamento penal para aqueles que cometem, no Brasil, o crime do aborto:

De acordo com os artigos do Código Penal, no autoaborto (art. 124) a pena é de detenção, de 1 a 3 anos; no aborto provocado por terceiro, sem consentimento (art. 125), a pena é de reclusão, de 3 a 10 anos; no aborto consensual (art. 126), a pena é de reclusão, de 1 a 4 anos. Se a gestante for absolutamente incapaz, a pena do aborto consensual também será de 3 a 10 anos. Nas ditas formas “qualificadas”, as penas serão majoradas em um terço se a gestante sofrer lesão corporal grave e, duplicadas, se lhe sobrevier a morte. [...] No crime de aborto, de acordo ainda com o insigne criminalista Rogério Greco: “o bem juridicamente protegido é a vida humana em desenvolvimento.” [...] De forma secundária, em se tratando do crime de aborto não consentido (art. 125 do Código Penal) ou qualificado pelo resultado (art. 127 também do mesmo código), protege-se a vida e a incolumidade física e psíquica da mulher grávida. [...] “É irrelevante a fase da evolução fetal em que o aborto é praticado, sendo igualmente indiferente o momento em que ocorre a morte do feto, se no interior do útero ou após a sua expulsão”.<sup>11</sup>

Uma vez que se tem consciência de que as mulheres abortam e de que essa é uma realidade que não mudará, independentemente de o aborto ser considerado crime ou não, conclui-se que a legislação brasileira, que deveria proteger a vida, não se preocupa, na verdade, com a vida e a saúde das mulheres brasileiras na medida em que se abstém da responsabilidade por diversas mortes e complicações decorrentes de abortos realizados de forma insegura justamente por esse não ser um procedimento legalizado e regulamentado.<sup>12</sup> As Figuras 1 e 2 (páginas seguintes) apresentam um panorama do *status* legal do aborto no mundo, em 2014 e 2015, respectivamente, que nos permite comparar o posicionamento do Brasil em relação aos outros países.

---

<sup>11</sup> Disponível em: <<https://jurisdiego.jusbrasil.com.br/artigos/111207115/a-criminalizacao-do-aborto-no-brasil>>. Acesso em: 20 nov. 2016.

<sup>12</sup> Pouco antes da entrega deste trabalho, dia 29/11/2016, a Primeira Turma do Supremo Tribunal Federal decidiu descriminalizar o aborto no primeiro trimestre da gravidez em um caso concreto relativo à prisão preventiva de indivíduos acusados de manter uma clínica de aborto clandestina. Essa decisão não é vinculante mas cria jurisprudência sobre o tema, podendo ser lida como um primeiro passo do Supremo para a descriminalização do aborto no país. (Disponível em: <[http://www.brasilpost.com.br/2016/11/29/stf-aborto-3-meses-gravidez\\_n\\_13310856.html?utm\\_hp\\_ref=mostpopular](http://www.brasilpost.com.br/2016/11/29/stf-aborto-3-meses-gravidez_n_13310856.html?utm_hp_ref=mostpopular)>. Acesso em: 30 nov. 2016.)

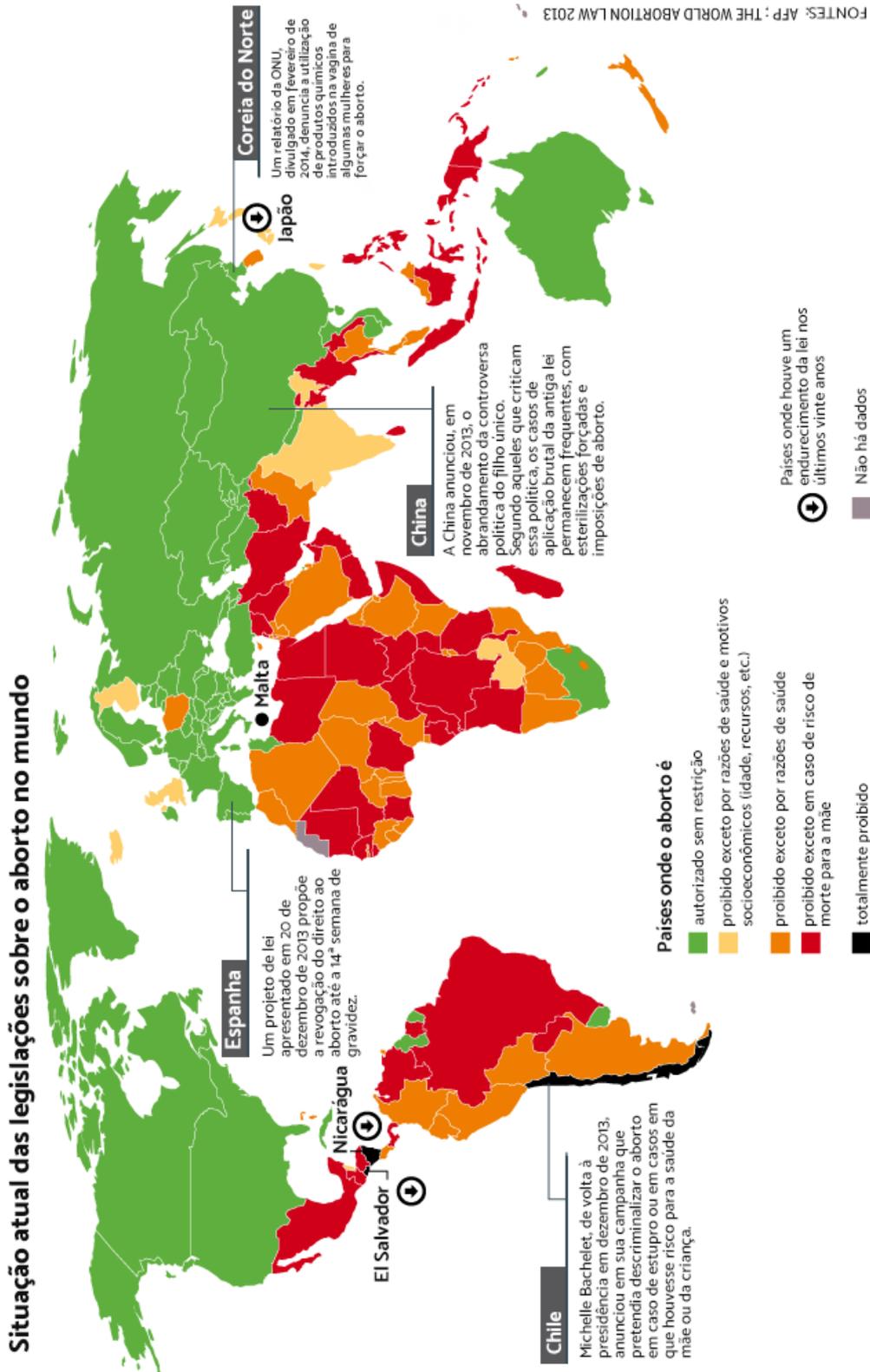


Figura 1 — Situação das legislações sobre o aborto no mundo em 2014<sup>13</sup>

<sup>13</sup> TP em francês disponível em: <[http://www.lemonde.fr/planete/infographie/2014/03/08/1-etat-des-legislations-sur-l-avortement-dans-le-monde\\_4379894\\_3244.html](http://www.lemonde.fr/planete/infographie/2014/03/08/1-etat-des-legislations-sur-l-avortement-dans-le-monde_4379894_3244.html)>. Acesso em: 23 nov. 2016.

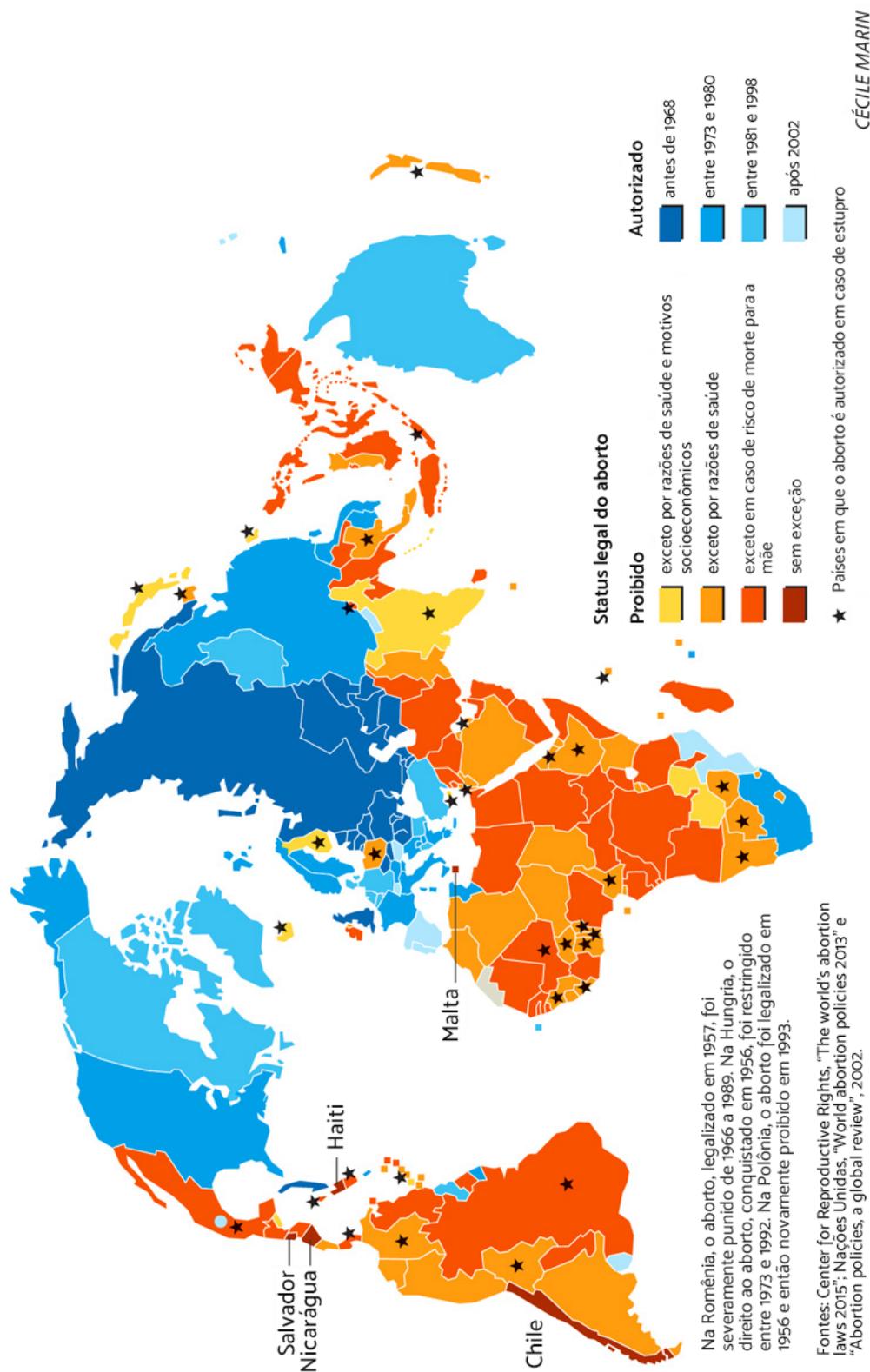


Figura 2 — Situação das legislações sobre o aborto no mundo em 2015<sup>14</sup>

<sup>14</sup> TP em francês disponível em: <<http://www.monde-diplomatique.fr/cartes/avortementlegal>>. Acesso em: 23 nov. 2016.

Deve-se, portanto, levar em conta que, quando Annie Ernaux publicou *L'événement* no ano de 2000 na França, a IVG já não era mais um crime no país havia mais de duas décadas. Todavia, este não será o caso para a tradução do livro para o público brasileiro. Desse modo, ao se pensar no público-alvo da tradução e na função que a tradução terá, forçosamente esse aspecto deve ser levado em conta.

Estamos, no Brasil, em uma etapa muito anterior do processo de aceitação do aborto pela sociedade e, embora o movimento feminista esteja ganhando cada mais vez mais força, este é um momento de crescente intolerância, reacionarismo e fanatismo religioso<sup>15</sup> no Brasil e no mundo. Como o Brasil ainda não viveu a revolução cultural e a mudança de mentalidade que permitiram que a legalização do aborto fosse possível na França, esse acaba sendo um assunto bem mais delicado no país, além de tocar em questões e demandas diferentes. Em outras palavras, a publicação da obra no Brasil terá necessariamente um efeito diferente, ocupando outro lugar e certamente outra função, se comparada à França.

Também está em questão no livro *L'événement* o posicionamento feminista da autora. Além de o livro abordar uma experiência eminentemente feminina, a autora discute a condição da mulher nos anos 60 na França, relatando e contestando, embora não explicitamente, a violência com que foi tratada pelos amigos, médicos e funcionários do hospital por ser uma mulher solteira, não virgem e por ter decidido recorrer ao aborto. Ernaux trata desse tema e das questões que dizem respeito ao corpo e à sexualidade da mulher sem tabu ou culpabilidade, transgredindo o silêncio imposto pela sociedade. Sobre esse acontecimento em sua vida, a autora diz em uma entrevista à editora Gallimard:

Essa lembrança nunca me abandonou. Ela representa em minha vida, como, acredito, na de muitas mulheres, seja antes ou depois da lei Veil de 1975, um acontecimento no verdadeiro sentido da palavra, isto é, algo que acontece conosco e que nos transforma. O que não quer dizer que não se possa abafá-lo em seguida, o

---

<sup>15</sup> Faço a ressalva de que religião e defesa do direito ao aborto podem, sim, vir juntas. O movimento político internacional Católicas pelo Direito de Decidir é um exemplo disso. Trata-se de um movimento formado por mulheres católicas que trabalha em conjunto com ONGs e coletivos feministas questionando determinadas leis eclesiais da instituição, em especial aquelas relacionadas ao aborto, aos direitos reprodutivos e à autonomia das mulheres sobre o próprio corpo. O movimento social tem como principal objetivo ampliar o debate sobre pautas de minorias sociais na comunidade por meio de discursos ético-religiosos, oferecendo diferentes pontos de vista sobre assuntos tradicionalmente silenciados pela Igreja Católica, como a autonomia das mulheres sobre seus corpos e a diversidade sexual. No Brasil, o movimento foi fundado em 1993, em São Paulo.

que foi o meu caso. Esse tipo de acontecimento feminino por excelência, que diz respeito à vida, como o parto, é, aliás, abafado mais uma vez, como se o discurso médico impedisse as mulheres de se pensar e se dizer. [...] Essa foi uma experiência da vida e da morte que me estruturou fortemente, que me deu uma outra visão de mundo. Tudo isso veio vindo progressivamente. Mas eu não ousava falar no assunto, uma espécie de silêncio interior tinha se instalado. Há algo que pesa sobre tudo o que diz respeito à experiência propriamente feminina e que faz com que seja muito difícil falar sobre ela, a despeito do que se diz sobre a libertação das mulheres. [...] Primeiramente, havia o silêncio dos anos 60, porque toda mulher que tinha “passado por aquilo”, como se costumava dizer, sentia-se culpada. Depois, as mulheres falaram sobre o que aconteceu com elas, mas no contexto da luta pela legalização do aborto. Eu mesma fiz parte de um grupo desses e contei, para um “livro negro” do aborto, minha própria experiência, mas por um viés completamente diferente. Sempre tive dificuldade de explicar por que é tão complicado falar sobre isso. Talvez porque, se falarmos de outra forma que não em termos de “escolha da mulher”, etc., surja de imediato uma vaga suspeita de que somos “contra”. O fato é que acabamos nos calando sobre a real experiência do aborto. Há, por exemplo, uma coisa que nunca tinha dito antes de tê-la escrito: que eu tinha orgulho de ter passado por aquela provação. Como explicar esse orgulho? Foi para mim como uma experiência iniciática, a provação do real absoluto.<sup>16</sup>

No entanto, o livro não é apenas sobre essa experiência. Ele também trata, com a mesma importância, do significado da escrita para a autora. Pode-se pensar que esse tema é levantado porque a escrita tem um lugar fundamental em sua vida, em seu processo de autoconhecimento, de elaboração e de compreensão da sua história.

A parteira e antropóloga mexicana Naolí Vinaver atribui outros significados à maternidade quando diz que

---

<sup>16</sup> No TP em francês, “Ce souvenir-là ne m'a jamais quitté. Il représente dans ma vie, comme, je crois, dans celle de nombreuses femmes, que ce soit avant ou après la loi Veil de 1975, un événement au vrai sens du terme, c'est-à-dire quelque chose qui arrive et vous transforme. Cela dit, on peut très bien l'occulter par la suite, ce qui a été mon cas. Ce type d'événement féminin par excellence, qui concerne la vie, comme l'accouchement, est d'ailleurs de nouveau occulté, comme si le discours médical empêchait les femmes de se penser et de se dire. [...] C'était une expérience de la vie et de la mort qui m'avait fortement structurée, qui m'avait donnée une autre vision sur le monde. Tout cela est venu progressivement. Mais je n'osais pas le dire, une sorte de silence intérieur s'était installée. Il y a quelque chose qui pèse sur tout ce qui relève de l'expérience proprement féminine et qui fait qu'elle a beaucoup de mal à se dire, en dépit de ce que l'on raconte sur la libération des femmes. [...] D'abord, il y avait le silence des années soixante, parce que toute femme qui en était « passée par là », comme on disait, se sentait coupable. Ensuite, les femmes ont dit ce qui leur était arrivé, mais dans le contexte de la lutte pour la libéralisation de l'avortement. J'ai moi-même fait partie de ces groupes et j'ai raconté, pour un « livre noir » de l'avortement, ma propre expérience, mais sous un tout autre aspect. J'ai toujours du mal à expliquer pourquoi il est si difficile d'en parler. Peut-être parce que si l'on en parle autrement qu'en termes de « choix de la femme », etc., on est tout de suite vaguement suspecté d'être « contre ». On se tait sur l'expérience réelle de l'avortement. Il y a, par exemple, une chose que je n'ai jamais dite avant de l'avoir écrite : c'était que j'étais fière d'avoir subi cette épreuve-là. Comment expliquer cette fierté ? C'était pour moi comme une expérience initiatique, l'épreuve du réel absolu.” Disponível em: <[http://www.gallimard.fr/Media/Gallimard/Entretien-ecrit/Entretien-Annie-Ernaux-L-Evenement/\(source\)/143868](http://www.gallimard.fr/Media/Gallimard/Entretien-ecrit/Entretien-Annie-Ernaux-L-Evenement/(source)/143868)>. Acesso em: 05 set. 2016.

As mulheres têm uma consciência corporal nata e todas temos uma sabedoria ancestral de grande honra: o dom da vida. Algumas dão à luz crianças, com braços e pernas. Outras dedicam sua criatividade, concentração, foco, amorosidade, a gerar vida em forma de projetos, ideias, arte. (SANTANA, 2016, p. 32)

É verdade que o acontecimento de Annie Ernaux não deu à luz uma criança, mas gerou, sim, frutos, como a obra literária de que falamos, além de uma intensa e íntima experiência de autoconhecimento. Ernaux (2000) também comenta que essa foi uma provação e um sacrifício necessários para que, depois, ela aceitasse a “violência da reprodução”, em suas palavras (p. 111), e deixasse nascer dentro de si o desejo de ter filhos.

No que diz respeito à forma, *L'événement* é um romance em primeira pessoa, com um narrador protagonista, sem divisão de capítulos e frequentemente não linear. Uma das características do livro é o fluxo de consciência e a associação livre, o que faz com que a narrativa lembre a escrita de um diário ou uma sessão de análise. Há digressões, repetições, ambiguidades, interrupções marcadas por parênteses — justamente o que Ana C. chama de escrever femininamente. Pode-se dizer que, como se trata de uma escrita de elaboração de um acontecimento, a forma condiz com o conteúdo e a proposta do livro. É um livro vital e intenso como o acontecimento que aborda.

Embora a obra não seja dividida em capítulos, alguns parágrafos são separados por uma ou mais linhas em branco. No entanto, não fica claro com que critério esses parágrafos são afastados, podendo haver alguma relação com a passagem do tempo. Além disso, quando a história passa do momento em que a autora está fazendo o teste de HIV para o começo do relato da experiência de aborto, há uma mudança de página, ainda que, como descobriremos ao longo da narrativa, a “página não tenha sido virada” de fato; pelo contrário, é o reencontro com o passado.

No momento em que o aborto é realizado, em que há mais tensão e aproximação do *événement*, a narração é feita no presente. No resto do livro o relato é feito no pretérito perfeito, através do uso do *passé composé*, e não do *passé simple*, o que aponta para uma maior proximidade e implicação no acontecimento e, sobretudo, no momento da enunciação, o momento presente (RIEGEL, 2009, p. 538). Além disso, tal característica faz com que o livro se aproxime de um relato oral, já que o *passé simple* não é empregado em discursos de

natureza oral, o que mais uma vez colabora para caracterizá-lo como uma escrita de elaboração.

Como os personagens do livro são reais, a autora optou por não revelar sua identidade e por usar apenas as iniciais de seus nomes. Ela faz isso não apenas porque não tem a autorização dessas pessoas, como também porque tem consciência de que, trinta e cinco anos mais tarde, os protagonistas desse acontecimento já não são mais os mesmos.

Ainda que se trate de um romance autobiográfico, não se pode cair na armadilha de lê-lo como não ficção ou literatura. Por exemplo, pelo romance, sabemos que Annie ficou grávida de um garoto chamado P., com quem passou o verão de 1963 em Bordeaux e de quem não era namorada. Com a volta às aulas em Rouen, o futuro da relação dos dois ficou incerto. Pelo relato, Annie não teve o apoio de P. e temos a impressão de que ela nunca mais teve qualquer contato com ele depois do aborto. Todavia, lendo seu diário (ERNAUX, 2011), pude deduzir que P. provavelmente é Philippe Ernaux, homem com quem se casou em 1964, de quem teve dois filhos — um deles já em dezembro de 1964, menos de um ano após o *événement* — e com quem foi casada por quase duas décadas. O fato de o leitor não ter acesso a essa informação é proposital e tem o objetivo de causar um determinado efeito. Pode-se pensar, por exemplo, que a omissão desse dado talvez reconstrua a angústia de Annie na época quanto ao fato de não ter certeza sobre seu futuro, sobre seu desespero de estar sozinha, desamparada.

Por fim, é central na obra a presença de *referências culturais* — relativas a lugares, fatos históricos, músicas, livros, entre outras —, que ambientam essa experiência de aborto. Ernaux cita os lugares por que passou em Rouen e em Paris, as músicas que ouvia na época, os livros e filmes a que assistiu. Trata-se de uma traço diretamente ligado ao gênero autobiográfico e à proposta do livro, visto que esse foi um acontecimento único — o acontecimento —, vivenciado por uma pessoa única, em um tempo, época e lugares únicos. Assim, o *moi-ici-maintenant* (eu-aqui-agora) da enunciação é de extrema relevância neste contexto. Como veremos a seguir, essa característica terá importantes consequências para as escolhas de tradução.



### 3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E PRINCÍPIOS ADOTADOS

*É feito de palavra tudo o que não é carne  
E também a carne é palavra  
Carne, palavra densa moldada ao toque  
E o toque é palavra  
A parte que me toca é a palavra no moedor de  
carne que dá a palavra que toca ao outro  
E o outro é ele mesmo palavra  
(Honda, 2010)*

Para dar conta de meu objetivo de tradução desta obra, bem como de determinadas características elencadas no capítulo anterior, que, da perspectiva tradutória, podem ser compreendidas como problemas<sup>17</sup>, estabeleço aqui a perspectiva de tradução adotada e noções que me parecem essenciais para a fundamentação de minha proposta. Parto dos conceitos de *estrangeirização e domesticação* de Venuti (2002) para justificar a adoção do conceito de *permeabilidade da tradução* proposto por Benedetti (2003). Em seguida, apresento minha *perspectiva de tradução* com base em Arrojo (2007) e abordo o *gênero autobiográfico* segundo Bakhtin (2011) e a *relação entre língua e cultura* observada por Galisson (1991) para embasar a escolha por uma tradução permeável da obra e a proposta de um *apêndice cultural* para a tradução do livro. Por fim, retomo a noção de *ritmo* para Meschonnic (1999).

Em *Escândalos da Tradução* (2002), Venuti discute os processos de domesticação e estrangeirização na tradução, tratando das relações de poder nela envolvidas e de suas consequências sociais, culturais e políticas para a formação de identidades culturais. Para o autor, *domesticação* é o processo em que o tradutor opta por adaptar elementos linguísticos culturais do TP para a cultura do público-alvo da tradução, ocorrendo, assim, manipulação e apropriação de uma cultura a serviço de outra geralmente dominante. Já por meio da *estrangeirização*, o tradutor respeitaria mais as diferenças linguísticas e culturais do TP, mantendo-se mais próximo à fonte e criando um texto que necessariamente produz certa estranheza, diferentemente da tradução domesticada. Segundo o autor, é o processo de estrangeirização que viabiliza um maior reconhecimento e valorização da heterogeneidade e das culturas periféricas, assim como uma maior troca transcultural.

---

<sup>17</sup> Problema de tradução é entendido aqui conforme HURTADO ALBIR (2008) como uma dificuldade de caráter objetivo com que o tradutor pode se deparar no momento de realizar uma tarefa de tradução, podendo ser de ordem linguística, extralinguística, instrumental ou pragmática (p. 640).

Venuti assinala, entretanto, que escreve do lugar de um tradutor estadunidense de inglês. Além de essa ser uma língua hegemônica, a relação dos Estados Unidos com outros países costuma ser de dominação e exportação cultural. Por essa razão, trata-se de uma comunidade em geral pouco sensibilizada para a cultura do Outro e para a recepção da diferença, de modo que tende a adotar, como prática tradutória, a domesticação. Soma-se a isso o fato de a língua inglesa ser atualmente língua franca, determinando para muitos leitores anglófonos uma única maneira de “ler” o mundo e as culturas.

Benedetti (2003), por sua vez, aponta que essas mesmas questões não estão em jogo quando se traduz de outro lugar, como, por exemplo, para o português brasileiro, já que não se trata de uma língua hegemônica e muito menos de uma língua franca. Assim, dependendo do par de línguas em contato na tradução, a relação de poder pode estar invertida — como é o caso da tradução do francês para o português. Se a posição de Venuti no contexto estadunidense é subversiva, pois vai contra a tradição domesticadora do país e se opõe à hegemonia global do inglês, buscando de certa forma minimizar a assimetria das relações na tradução, no Brasil, contudo, o quadro não é o mesmo. Tradicionalmente importamos cultura e damos mais valor ao que vem de fora, o que faz com que uma tradução estrangeirizante no contexto brasileiro deixe de ser, desse ponto de vista, um ato de resistência e venha reforçar uma posição de submissão já estabelecida.

Benedetti (2003) chama de *permeabilidade da tradução* ou de *tradução permeável* o que Venuti define como estrangeirização, isto é, uma tradução “em que o tradutor produz um texto *propositalmente* mais aderente à cultura, ao léxico, à estrutura sintática da língua de partida” (p. 28, grifo da autora). A autora levanta essa questão para discutir a noção de visibilidade do tradutor e fazer uma leitura crítica da teoria de Venuti no contexto brasileiro. Nesse sentido, uma tradução mais fluente, normalmente mais domesticadora, implicaria, do ponto de vista do leitor<sup>18</sup>, uma maior invisibilidade do tradutor, ao passo que, paradoxalmente, essa conduta exige maior interferência do tradutor no texto.

Ainda que, como veremos, a escolha por uma tradução mais permeável neste projeto não se justifique pela relação de poderes entre as línguas e culturas envolvidas e tampouco pela (in)visibilidade do tradutor, parece-me interessante fazer uso da terminologia proposta por Benedetti para me referir à diretriz de maior adesão ao TP neste trabalho justamente por sua leitura crítica da obra de Venuti em nosso contexto.

---

<sup>18</sup> Refiro-me aqui ao leitor comum, a quem a tradução da obra se destina, em oposição ao leitor tradutor ou ao leitor especialista em tradução, sujeitos mais conscientes desses procedimentos e das questões em jogo na tradução.

Deve-se ressaltar também que falar em permeabilidade da tradução não significa falar em fidelidade ou evocar o famoso adágio italiano *traduttore, traditore*. Entendo a *tradução*, assim como Arrojo (2007), como um processo de recriação resultante de uma leitura, isto é, de uma interpretação, pois, uma vez que os significados não são estáveis, universais ou controláveis, inexistem, conseqüentemente, linguagem sem ambiguidade ou sem variação de interpretação. A leitura/tradução sempre será diferente de acordo com o contexto, lugar, época, realidade, conhecimentos do sujeito leitor/tradutor. Tratando-se, então, de um processo criativo e não reprodutivo, entendo que não exista tradução *correta* (ou fiel), mas traduções *possíveis*. Nas palavras da autora:

O foco interpretativo é transferido do texto, como receptáculo da intenção “original” do autor, para o intérprete, o leitor, ou o tradutor. [...] Significa que, mesmo que tivermos como único objetivo o resgate das intenções originais de um determinado autor, o que somente podemos atingir em nossa leitura ou tradução é expressar *nossa visão* desse autor e de suas intenções. (ARROJO, 2007, p. 41, grifo da autora)

Em outras palavras, nossa tradução de qualquer texto, poético ou não, será fiel não ao texto “original”, mas àquilo que consideramos *ser* o texto original, àquilo que consideramos constituí-lo, ou seja, à nossa interpretação do texto de partida, que será, como já sugerimos, sempre produto daquilo que somos, sentimos e pensamos. Além de ser fiel à leitura que fazemos do texto de partida, nossa tradução será fiel também à nossa própria concepção de tradução [...] [e] aos objetivos que se propõe. (*Ibid.*, p. 44-5, grifo da autora)

Como expõe Arrojo, o que está em jogo não é a fidelidade a um texto “original”<sup>19</sup> mas a um projeto de tradução, que deve ser conscientemente delimitado e respeitado, levando-se em conta o público-alvo e a função da tradução. Pym (1997) complementa a questão apontando que “no final das contas, se sabemos *por que* traduzimos, podemos inferir *como* traduzir e até mesmo o que traduzir em cada situação”<sup>20</sup> (p. 16).

Para este projeto de tradução, defini como público-alvo o público geral, não especialista, e possivelmente predominantemente feminino (e feminista), devido à temática abordada. Vale salientar que o público leitor visado para este trabalho de conclusão de curso, ou seja, estudiosos da tradução, difere do público-alvo da proposta de tradução.

Decorrendo toda tradução de uma leitura, minha escolha por uma tradução mais permeável de *L'événement* se justifica, portanto, por entender que se destacam como

<sup>19</sup> Evito neste trabalho o uso deste termo, preferindo “texto de partida”, pois “a denominação *texto original* pode sugerir também que toda tradução não passa de uma tentativa de reprodução, cópia sempre imperfeita e sempre inferior ao modelo, à matriz ‘original’” (ARROJO, 2007, p. 79, grifo da autora).

<sup>20</sup> No TP em francês: “Après tout, si l’on sait *pourquoi* il faut traduire, on peut en déduire *comment* il faut traduire, et même ce qu’il faut traduire dans chaque situation.” (grifos do autor)

características fundamentais da obra de Ernaux o gênero autobiográfico e seu projeto de escrever o particular visando atingir o universal. Sobre *autobiografia* e a suposta correspondência entre personagem e autor nesse gênero, Bakhtin escreve:

Entendo por biografia ou autobiografia (descrição de uma vida) a forma transgrediente imediata em que posso objetivar artisticamente a mim mesmo e minha vida. Vamos examinar a forma da biografia apenas naqueles sentidos em que ela pode servir para a auto-objetivação, isto é, ser autobiografia, ou seja, do ponto de vista de uma eventual coincidência entre a personagem e o autor nela, ou melhor (porque coincidência entre personagem e autor é *contradictio in adjecto*, o autor é elemento do todo artístico e como tal não pode coincidir dentro desse todo com a personagem, outro elemento seu. A coincidência pessoal “na vida” da pessoa de quem se fala com a pessoa que fala não elimina a diferença entre esses elementos no interior do todo artístico. Pode-se perguntar como eu represento a mim mesmo diferentemente da pergunta: quem sou?), do ponto de vista do caráter particular do autor em sua relação com a personagem. (BAKHTIN, 2011, p. 139, grifo do autor)

Embora a sobreposição autor-personagem (e neste caso também narrador) não seja exata no gênero autobiográfico, como expõe Bakhtin, certamente existe entre eles um ponto de convergência, isto é, personagem-narrador remetem ao autor e este, por sua vez, apresenta-se, através de uma construção artística, através dessas vozes. Partindo desse princípio, como *L'événement* consiste em um relato de uma experiência que de fato ocorreu com uma pessoa única, em um momento e espaços únicos, em que as referências culturais têm um lugar importante como forma de demarcar um acontecimento singular (*o acontecimento*), julgo poder contribuir mais para a difusão da obra de Ernaux em nosso contexto e, sobretudo, de sua escrita — cara para mim enquanto leitora — se reforçar esse aspecto mantendo essas referências e (re)construindo uma ambientação francesa.

Cabe chamar atenção também para o fato de que o público-alvo do TP e da tradução é muito diferente e que, conseqüentemente, o efeito causado pelos dois textos será forçosamente distinto. O público-alvo da tradução, majoritariamente brasileiro, não estará necessariamente familiarizado com as referências culturais francesas que a escritora retrata ou evoca. Da mesma forma, a relação da sociedade brasileira com o aborto é bastante diferente quando comparada ao quadro francês. Assim, o estranhamento estará certa e intencionalmente presente na tradução do livro. Buscar-se-á, todavia, mobilizar estratégias para que esse estranhamento gere curiosidade e não rejeição no leitor.

A redação de um diário costuma ter como objetivo o autoconhecimento e como leitor seu próprio escritor — sua especificidade é justamente a fusão dos lugares de autor e leitor —, o que faz com que seja comum a existência de diversos implícitos nesse gênero. Em outras

palavras, o fato de o diário não buscar, via de regra, a comunicação com o Outro supõe que muitas coisas não sejam explicadas ou explicitadas. A leitura de uma tradução mais permeável de *L'événement* pode lembrar, por conseguinte, a leitura do diário de um terceiro, em que não se tem necessariamente acesso a tudo porque não se conhece necessariamente tudo. Desse modo, os não-ditos do texto de chegada (doravante TC) vêm potencializar também a subjetividade característica do relato autobiográfico.

Acredito que a escolha por uma tradução permeável neste projeto também se justifique por permitir que o leitor brasileiro tenha contato com uma experiência que, ao mesmo tempo que distante, é familiar: distante porque única do ponto de vista do contexto do enunciador, mas familiar pelos sentimentos evocados, pela relação com o corpo e com a escrita, pelo conflito entre o interno e o externo. Trata-se, na verdade, de algo próprio da natureza humana, em que todos vivemos e lidamos com as mesmas questões mas de forma individual.

É dessa forma que esse relato, viabilizado por uma tradução permeável, permite ao leitor se pensar através do Outro e dá a ele a chance de refletir e tomar consciência de sua situação ao ser contrastada com o diferente: é justamente o jogo entre identidade e alteridade que vai ao encontro da proposta de escrita de Ernaux. É também nesse sentido que Bakhtin (2011) diz que “o valor biográfico pode organizar não só a narração sobre a vida do outro, mas também o vivenciamento da própria vida e a narração sobre a minha própria vida, pode ser forma de conscientização, visão e enunciação da minha própria vida” (p. 139).

Faço entretanto a ressalva de que, em relação à permeabilidade da tradução, trata-se de uma diretriz, de uma tendência que busca dar um *ar* estrangeiro ao texto e que foi motivada pelas questões que acabam de ser expostas. A ideia não foi, de forma alguma, adotar uma medida que tivesse de ser empregada de forma automática e irrefletida em absolutamente todo momento no texto.

Para os fins deste trabalho, traduzi as quatorze primeiras páginas do livro *L'événement*, de sua edição publicada na compilação de obras *Écrire la vie* (ERNAUX, 2011, p. 271-85). Para realizar esse recorte, que consiste em um terço da obra, pensei em uma amostra que tivesse uma unidade de sentido, que fosse suficientemente extensa para dar uma noção das características do texto e do enredo e que contivesse os problemas de tradução que gostaria de discutir.

Quanto às técnicas tradutórias adotadas, como orientação geral, no que concerne às referências ao Outro, recorri a alguns empréstimos do francês, como de palavras que dizem

respeito à localização no espaço ou a endereços, nomes de obras e nomes próprios. Grafei-as em geral em itálico, com exceção dos nomes próprios. Recorri também à amplificação, adicionando informações e explicações ausentes no TP, quando achei interessante manter e evidenciar a diferença entre a cultura do TP e a cultura do TC, e à equivalência funcional, quando o referente da língua de partida encontrava um equivalente funcional na língua de chegada e quando avaliei que a permeabilidade na tradução não se fazia necessária ou que causaria excessivo estranhamento. Decidi evitar, todavia, as notas de rodapé, por entender que a voz dissonante do tradutor no texto quebraria o efeito almejado, indo no sentido contrário à escolha por uma tradução permeável. Esses critérios e técnicas de tradução serão aprofundados no Capítulo 5, quando serão feitos os comentários sobre a tradução.

Para aprofundar o contato com a cultura em que se insere e da qual é fruto o TP, recorri igualmente a um *apêndice cultural*, em que proponho glosas enciclopédicas para determinados itens lexicais e culturais. Cabe dizer que *cultura* é entendida aqui como um sistema de símbolos e significados, que compreende categorias ou unidades e regras sobre relações e modos de comportamento (SCHNEIDER, 1968 *apud* LARAIA, 1989, p. 64). Por ser um sistema de símbolos e significados, o estudo da cultura passa necessariamente por uma apreensão interpretativa, e não objetiva e decodificadora, o que chama a atenção para a subjetividade implicada no processo de escolha do que é marca cultural ou não. Assim, é provável que a percepção do que é cultural só emerja a partir do contraste com o Outro, com o diferente.

Galisson (1991, p. 116), para quem o léxico é uma porta de entrada privilegiada à cultura do Outro, estabelece uma diferença entre *cultura erudita* e *cultura compartilhada*. A primeira seria uma subcultura à qual poucos têm acesso, por meio de um ensino formal, como o oferecido pela escola. Tratar-se-ia de uma cultura que cria diferenças, que ergue barreiras entre os indivíduos e divide classes sociais. A segunda, por sua vez, seria uma cultura de base e transversal, inevitável e inconscientemente adquirida por todos os membros de um mesmo grupo social. A cultura compartilhada guiaria as atitudes, comportamentos, representações e costumes de um povo e, ao contrário da cultura erudita, teria a característica de aproximar as pessoas<sup>21</sup>. A *identidade coletiva* de um povo é formada, segundo o autor, pela língua e pela cultura, estando ambas necessariamente imbricadas: “a relação de simbiose entre língua e

---

<sup>21</sup> Como exemplo, na obra *L'événement*, a menção à peça de teatro *Huis Clos* ou ao manual literário *Lagarde et Michard* seriam referências à cultura erudita, enquanto a menção às lojas Tati ou ao remédio Hepatoum seriam referências à cultura compartilhada francesa.

cultura faz com que elas sejam o reflexo recíproco e obrigatório uma da outra”<sup>22</sup> (GALISSON, 1991, p. 119).

Observa-se que muitas das referências culturais evocadas por Ernaux na obra estão relacionadas a essa cultura compartilhada, das quais todos os falantes franceses estariam, em princípio, a par. Essa característica do texto está intimamente ligada ao gênero autobiográfico e nos permite retomar mais uma vez a semelhança entre *L'événement* e um diário, pois, uma vez que escrevemos um diário sobre nossas vidas, sobre nosso dia a dia, é natural que, nesse gênero, a cultura compartilhada atravesse nosso discurso, visto que constitui nossa referência pessoal e diz respeito à nossa vivência tal como ela é/foi. Do mesmo modo, é compreensível que, ao relembrar uma experiência real, Ernaux mencione informações aparentemente triviais ou acontecimentos corriqueiros, pois foram os que ela vivenciou e não os que ela imaginou ou idealizou.

Como é bastante notável essa relação entre língua e cultura em *L'événement*, pareceu-me pertinente propor um apêndice cultural que viesse complementar a tradução do livro. Trata-se de um texto independente, sem remissão para a obra (diferente, portanto, de notas de rodapé ou de notas de fim de texto), que funciona tanto se lido antes quanto depois do livro. Esse apêndice serviria como complemento para a tradução, em que o leitor, caso tivesse interesse, poderia mergulhar mais a fundo no universo do acontecimento narrado.

O apêndice cultural acaba sendo ainda mais revelador do Outro do que a proposta de tradução permeável do livro, deixando ainda mais evidente o fato de o livro consistir em uma tradução. As entradas do apêndice foram criadas tendo-se em conta o público-alvo visado para a tradução, sendo, assim, específico para o leitor brasileiro, visto que aborda questões que podem interessá-lo, que se supõe que ele desconheça ou às quais se imagina que ele não tenha fácil acesso.

Outro aspecto para o qual também atentei neste projeto de tradução foi o *ritmo* da prosa. Segundo Meschonnic (1999), não é a língua o objeto de tradução, mas o texto, o discurso. A tradução é, nesse sentido, uma nova enunciação, diferente da do TP — o que colabora mais uma vez para a quebra do mito da fidelidade. Para o autor, o tradutor que leva em conta a enunciação, principalmente quando se trata de literatura, não se ocupa apenas da tradução do sentido, como também da tradução da *forma* como esse sentido se realiza na língua. Assim sendo, traduzir o ritmo — a entonação, a pontuação, a prosódia do texto — é

---

<sup>22</sup> No TP em francês: “Le jeu de symbiose dans lequel fonctionnent langue et culture fait qu’elles sont le reflet réciproque et obligé l’une de l’autre”.

traduzir não apenas o sentido lexical em questão, mas a poética, o modo de significação. Procurei traduzir o ritmo de *L'événement* por entender que se trata de uma característica importante da obra da autora e por acreditar que a escolha das palavras, da pontuação e da prosódia do texto neste relato de elaboração, ainda que possa ser inconsciente, seja motivada e não aleatória.

Por fim, cabe sublinhar que não acredito que haja uma teoria tradutória e tampouco uma prática que dê conta de todos os aspectos em jogo no processo tradutório; escolhi, para este trabalho, as que me pareciam mais pertinentes, mas elas certamente não são exaustivas. Dito isso, apresento minha proposta de tradução do trecho inicial do livro para em seguida discutir os problemas e dificuldades de tradução enfrentados, assim como suas soluções.

#### 4 PROPOSTA DE TRADUÇÃO DE *L'ÉVÉNEMENT*: O ACONTECIMENTO<sup>23</sup>

##### O ACONTECIMENTO

Desci na Barbès. Como da última vez, alguns homens aguardavam, aglomerados embaixo do metrô elevado. As pessoas passavam na calçada com sacolas rosas das lojas Tati. Peguei o *boulevard* de Magenta, avistei a loja Billy, com anoraques expostos do lado de fora. Uma mulher vinha em minha direção, vestindo meias sete-oitavos pretas com padrão de desenhos grandes cobrindo as pernas grossas. A *rue* Ambroise-Paré estava praticamente deserta até os arredores do hospital. Segui pelo longo corredor abobadado do pavilhão Élisabeth. Da primeira vez não tinha notado um coreto no pátio que acompanha o corredor envidraçado. Eu me perguntava como veria tudo aquilo depois, quando estivesse indo embora. Empurrei a porta 15 e subi os dois andares. Na recepção do centro de testagem, entreguei o cartão com meu número. A secretária foi vasculhar um arquivo, de onde tirou um envelope de papel pardo com alguns documentos. Estendi a mão para pegá-lo, mas ela não me deu. Largou-o na mesa e disse para eu ir me sentar, que me chamariam.

A sala de espera é dividida em duas áreas contíguas. Escolhi a mais próxima da porta da médica, que também era a mais cheia. Comecei a corrigir os trabalhos que tinha trazido comigo. Logo depois de mim, uma moça bem jovem, loira e de cabelos longos, apresentou seu número. Observei que também não deram a ela seu envelope e que ela também seria chamada. Já aguardavam, sentados longe uns dos outros, um homem de uns trinta anos, com roupas da moda e levemente calvo, um jovem negro com um *walkman*, um homem de uns cinquenta anos, com a fisionomia vincada, afundado na cadeira. Depois da moça loira, um quarto homem chegou, sentou-se com determinação, tirou um livro da pasta. E então um casal: ela de *legging*, com uma barriga de grávida, ele de terno e gravata.

Na mesa, não havia jornais, apenas folhetos sobre a necessidade de comer laticínios e sobre “como viver a soropositividade”. A mulher do casal falava com o companheiro, levantava-se, abraçava-o, acariciava-o. Ele permanecia mudo, imóvel, as mãos apoiadas em um guarda-chuva. A moça loira mantinha os olhos no chão, quase fechados, a jaqueta de

---

<sup>23</sup> Esta é uma tradução minha, para os fins deste trabalho, das quatorze primeiras páginas de *L'événement*, retirada da edição publicada em *Écrire la vie* (ERNAUX, 2011, p. 271-85).

couro dobrada sobre os joelhos, ela parecia petrificada. A seus pés, havia uma grande sacola de viagem e uma menor de carregar nas costas. Perguntei-me se ela tinha mais motivos que os outros para ter medo. Talvez ela viesse buscar o resultado antes de viajar no fim de semana ou de voltar para a casa dos pais no interior. A doutora, uma jovem mulher esguia, vivaz, de saia cor-de-rosa e meias sete-oitavos pretas, abriu a porta e chamou um número. Ninguém se mexeu. Era alguém da sala ao lado, um rapaz que passou apressado, vi apenas os óculos e um rabo de cavalo.

O jovem negro foi chamado, depois mais pessoas da outra sala. Ninguém falava ou se mexia, fora a mulher do casal. Levantávamos apenas os olhos quando a doutora aparecia na porta da sala ou quando alguém saía dela. E então o seguíamos com o olhar.

O telefone tocou diversas vezes, agendamento de consulta ou pedido de informação sobre os horários. Em uma delas, a recepcionista foi chamar um patologista para falar com a pessoa que estava ligando. Ele disse, depois repetiu, “não, essa quantidade é normal, absolutamente normal”. Sua voz ressoava no silêncio. A pessoa do outro lado da linha com certeza era soropositiva.

Eu tinha terminado de corrigir os trabalhos. Revivia incessantemente a mesma cena, nebulosa, de um sábado e um domingo de julho, os movimentos do amor, a ejaculação. Era por causa daquela cena, esquecida durante meses, que eu me encontrava ali. A exaltação e o enlaçamento dos corpos nus lembravam uma dança da morte. Parecia que aquele homem que eu tinha aceitado rever com fastio tinha vindo da Itália apenas para me passar aids. No entanto, eu não conseguia estabelecer uma relação entre tudo aquilo, os movimentos, a tepidez da pele, do esperma, e o fato de estar ali. Eu pensei que nunca haveria qualquer relação entre o sexo e outra coisa.

A doutora chamou meu número. Antes mesmo de eu entrar na sala, ela me deu um largo sorriso. Tomei aquilo como um bom sinal. Ao fechar a porta, ela foi rápida: “deu negativo”. Não consegui conter uma gargalhada. O que ela disse em seguida na consulta não me interessava. Ela expressava alegria e cumplicidade.

Desci as escadas a mil, refiz o mesmo trajeto no sentido inverso sem olhar para os lados. Dizia a mim mesma que estava mais uma vez a salvo. Gostaria de ter ficado sabendo se

a moça loira também estava. A estação Barbès estava apinhada de gente nas plataformas, com pontos rosas das sacolas Tati por toda parte.

Eu me dei conta de que tinha vivido aquele momento no Lariboisière da mesma forma que a espera pelo veredito do doutor N., em 1963, com o mesmo horror e a mesma incredulidade. Minha vida se situa então entre a tabelinha e o preservativo de um franco das máquinas de rua. É uma boa forma de medi-la, mais precisa que outras, para falar a verdade.

[muda página]

Em outubro de 1963, em Rouen, esperei minha menstruação chegar por mais de uma semana. Era um mês ensolarado e ameno. Eu me sentia pesada e pegajosa no meu casaco tirado do armário cedo demais, especialmente dentro das grandes lojas onde ia passear, comprar meias sete-oitavos, esperando a volta às aulas. Ao retornar para o meu quarto da *cité universitaire des filles*, na rue d’Herbouville, onde são entravam meninas, eu sempre esperava encontrar minha calcinha manchada. Comecei a registrar em minha agenda todas as noites, em maiúsculas e sublinhado: NADA. Durante a noite eu acordava e sabia de imediato que não havia “nada”. No ano anterior, na mesma época, eu tinha começado a escrever um romance, aquilo me parecia muito distante e improvável de acontecer novamente.

Uma tarde fui ao cinema assistir a um filme italiano em preto e branco, *Il posto*. Era arrastado e triste, a vida de um jovem rapaz em seu primeiro emprego, um cargo em um escritório. A sala estava praticamente vazia. Observando a silhueta frágil, de gabardina, do funcion riozinho, suas humilha es, diante da angústia desesperan osa do filme, eu sabia que minha menstrua o não viria.

Uma noite, as meninas da *cité* tinham uma entrada de teatro sobrando e me carregaram com elas. *Huis clos* estava em cartaz e eu nunca tinha visto uma peça contemporânea. A sala estava lotada. Eu assistia   cena, distante, de uma claridade violenta, sem conseguir parar de pensar que ainda não tinha menstruado. Lembro-me apenas da personagem Estelle, loira e de

vestido azul, e do Garçon vestido de lacaio, com olhos vermelhos e sem pálpebras. Escrevi na agenda “Formidável. Se ao menos eu não tivesse essa REALIDADE em meu ventre”.

No final de outubro, parei de acreditar que ela pudesse vir. Marquei uma consulta com um ginecologista, o doutor N., para o dia 8 de novembro.

No fim de semana da Toussaint, dia de Todos-os-Santos, fui visitar meus pais como de costume. Eu temia que minha mãe me perguntasse sobre o meu atraso. Tinha certeza de que ela ficava de olho em minhas calcinhas todos os meses ao separar a roupa suja que eu levava para ela lavar.

Na segunda-feira, acordei com o estômago embrulhado e um gosto estranho na boca. Na farmácia, recomendaram-me Hepatoum, um líquido denso e verde para facilitar a digestão, que me deixava ainda mais nauseada.

O., uma menina da *cité*, pediu para eu substituí-la nas aulas de francês do Institut Saint-Dominique. Era uma boa oportunidade para ganhar uns trocados além da bolsa de estudos. A superiora me recebeu com o volume do século XVI da coleção literária *Lagarde et Michard* na mão. Eu lhe disse que nunca tinha lecionado e que a ideia me apavorava. Era normal, ela mesma, por dois anos, só tinha conseguido entrar na aula de filosofia de cabeça baixa, fitando o chão. Sentada em uma cadeira de frente para mim, ela encenava essa lembrança. Eu só conseguia prestar atenção no véu que cobria sua cabeça. Ao sair com o *Lagarde et Michard* que ela me emprestara, acabei diante de uma turma do primeiro ano do liceu e tive vontade de vomitar. No dia seguinte, telefonei para a superiora para recusar as aulas. Ela me disse em um tom seco para devolver o manual.

Na sexta-feira, 8 de novembro, estava a caminho da *place* de l’Hôtel-de-Ville, onde tomaria um ônibus para a consulta com o doutor N. na *rue* La Fayette, quando encontrei Jacques S., um estudante de letras filho de um gerente de fábrica da região. Ele queria saber o que eu estava indo fazer na margem esquerda do Sena. Respondi que estava com dor de estômago e que ia consultar um estomatologista. Ele rebateu categoricamente: estomatologista não trata o estômago, mas infecções bucais. Com medo de que minha mancada o fizesse

suspeitar de algo e que ele quisesse me acompanhar até a porta do médico, deixei-o bruscamente assim que o ônibus chegou.

Eu estava descendo da mesa, meu grosso pulôver verde recaindo sobre as coxas, quando o ginecologista disse que sem dúvida alguma eu estava grávida. O que eu achava que era dor de estômago eram as náuseas. Ele me prescreveu de todo modo algumas injeções para fazer a menstruação descer, mas não parecia acreditar que elas pudessem surtir efeito. Na porta, ele sorria com um ar jovial, “os filhos do amor são sempre os mais belos”. Era uma frase pavorosa.

Voltei a pé para a  *cité universitaire*. Na minha agenda consta: “Estou grávida. É o fim.”

No começo de outubro, tinha feito amor várias vezes com P., um estudante de ciência política que conhecera nas férias e que tinha ido visitar em Bordeaux. Eu sabia que estava em um período de risco segundo a tabelinha, mas não imaginei que aquilo pudesse de fato “pegar” no interior do meu ventre. No amor e no gozo, eu não me sentia um corpo intrinsecamente diferente do dos homens.

Todas as imagens da minha estadia em Bordeaux — o quarto na  *cours Pasteur* com o ruído incessante dos carros, a cama estreita, a *terrasse* do café Montaigne, o cinema onde tínhamos assistido ao peplum *L’enlèvement des Sabines* — passaram a significar uma única coisa: eu estava lá e não sabia que estava ficando grávida.

A enfermeira do CROUS, assistência estudantil para universitários, aplicou-me uma injeção à noite, sem tecer um comentário, e uma outra no dia seguinte pela manhã. Era o final de semana do 11 de novembro. Voltei para a casa dos meus pais. Em certo momento, tive um ligeiro corrimento com sangue rosado. Coloquei a calcinha e as calças de linho manchados sobre a pilha de roupa suja, bem à mostra. (Agenda: “Breve vazamento. O suficiente para enrolar minha mãe.”) De volta a Rouen, telefonei para o doutor N., que confirmou minha condição e avisou que me enviaria o atestado de gravidez. Eu o recebi no dia seguinte. Parto de: *Mademoiselle Annie Duchesne*. Previsto para: *8 de julho de 1964*. Vi o verão, o sol. Rasguei o atestado.

Escrevi a P. contando que estava grávida e que não queria ter o bebê. Tínhamos nos despedido sem saber o que seria da nossa relação e me dava prazer perturbar sua paz, ainda que não tivesse qualquer ilusão quanto ao profundo alívio que lhe causaria minha decisão de abortar.

Uma semana depois, Kennedy foi assassinado em Dallas. Mas isso já não era mais algo que pudesse me interessar.

Os meses seguintes foram banhados por uma luz suave e pálida. Revejo-me nas ruas, caminhando indefinidamente. Toda vez que penso nessa época, vêm-me à mente expressões literárias como “a travessia das aparências”, “além do bem e do mal” ou ainda “viagem ao fim da noite”. Elas sempre me pareceram refletir o que vivi e experienciei então, algo de indizível e de uma certa beleza.

Faz anos que estou às voltas com esse acontecimento em minha vida. Ler em um romance o relato de um aborto me lança em um arrebatamento sem imagem nem pensamento, como se as palavras se sucedessem instantaneamente em um turbilhão de emoções. Da mesma forma, ouvir por acaso *La javanaise*, *J'ai la mémoire qui flanche*, ou qualquer outra música que me acompanhou nesse período, tira-me do eixo.

Comecei este relato há uma semana, sem saber se o levaria adiante. Queria apenas sondar meu desejo de escrever sobre o assunto. Um desejo que me atravessava constantemente durante a escrita do livro em que trabalho há dois anos. Eu resistia sem conseguir evitar pensar no assunto. Entregar-me a esse impulso parecia aterrorizante. Mas eu também dizia a mim mesma que poderia morrer a qualquer momento sem nada ter feito desse acontecimento. Se havia alguma falta, era essa. Certa noite, sonhei que tinha em mãos um livro que tinha escrito sobre meu aborto, mas ele não estava disponível em nenhuma livraria e não constava em nenhum catálogo. Na parte inferior da capa, em letras garrafais, dizia

ESGOTADO. Eu não sabia se esse sonho significava que eu devia escrever este livro ou se era inútil fazê-lo.

Com este relato, foi o tempo que se pôs em movimento e que vem me arrastando com ele apesar de tudo. Agora sei que estou determinada a ir até o fim, aconteça o que acontecer, da mesma forma que estava, aos vinte e três anos, quando rasguei o atestado de gravidez.

Quero mergulhar mais uma vez nessa fase da minha vida, descobrir o que pode ser encontrado por lá. Essa exploração se dará por uma narrativa, única capaz de trazer à tona um acontecimento que não foi senão tempo dentro e fora de mim. Uma agenda e um diário que tive durante aqueles meses me darão os indícios e as provas necessárias para a reconstrução dos fatos. Eu me esforçarei acima de tudo para descer em cada imagem, até ter a sensação física de “adentrá-la”, até que irrompam palavras que me permitam dizer “é isso”. Para ouvir mais uma vez cada uma dessas frases, indeléveis em mim, cujo sentido devia ser na época tão insuportável, ou ao contrário tão reconfortante, que pensá-las hoje me inunda de desgosto ou de ternura.

O fato de já ser uma questão do passado a forma como eu vivi esta experiência do aborto — a clandestinidade — não me parece motivo para deixá-la enterrada — ainda que o paradoxo de uma lei justa seja quase sempre obrigar as antigas vítimas a se calar, sob o pretexto de “pronto, acabou”, de modo que o mesmo silêncio de antes abafe o que aconteceu. É justamente porque nenhuma interdição recai mais sobre o aborto na França que posso, afastando o senso comum e as frases feitas necessariamente simplificadas, impostas pela luta dos anos setenta — “violência contra as mulheres”, etc. —, enfrentar, em sua realidade, esse acontecimento *inesquecível*.

*Dir. São penalizados com prisão e detenção 1) o autor de quaisquer manobras abortivas; 2) os médicos, parteiras, farmacêuticos e culpados por ter indicado ou favorecido essas manobras; 3) a mulher que provocou o aborto em si ou que consentiu que outrem lho provocasse; 4) a apologia ao aborto e a propaganda contraceptiva. Os culpados estão*

*sujeitos, além disso, à proibição de permanência no país, sem contar, para os da 2ª categoria, a proibição definitiva ou temporária de exercer a profissão.*

Nouveau Larousse Universel, *édition de 1948.*

[muda página]

O tempo deixou de ser uma sequência imperceptível de dias a serem preenchidos com aulas e trabalhos para a faculdade, com pausas nos cafés e na biblioteca, que levariam aos exames finais e às férias de verão, ao futuro. Ele se tornou algo informe, que crescia dentro de mim e que era necessário destruir a qualquer preço.

Eu ia às aulas de literatura e de sociologia, ao restaurante universitário, bebia café ao meio-dia e de tardezinha na Faluche, o bar dos estudantes. Eu não estava mais no mesmo mundo. Havia as outras meninas, com seus úteros vazios, e eu.

Ao pensar em minha situação, não usava nenhuma das palavras que a designam, nem “estou esperando um bebê”, nem “gestante” e muito menos “gravidez”, vizinho de “gravidade”. Elas continham a aceitação de um futuro que não existiria. Não havia por que nomear algo que eu estava determinada a fazer desaparecer. Na agenda, escrevia: “isso”, “essa coisa”, uma única vez “gestante”.

Eu passava da incredulidade de que aquilo estivesse acontecendo justamente comigo à certeza de que aquilo necessariamente tinha que acontecer comigo. Aquele dia me esperava desde a primeira vez que gozei debaixo dos lençóis, aos quatorze anos, nunca conseguindo, depois disso — apesar das preces à Virgem e a diversas santas —, impedir-me de reviver a experiência, sonhando insistentemente que era puta. Era até um milagre que eu não tivesse me encontrado naquela situação ainda mais cedo. Até o verão anterior, eu tinha conseguido com muito custo e humilhação — ser tratada como puta e assanhada — não chegar às vias de fato. No fim das contas, minha salvação até então se devia apenas ao furor de um desejo que, insatisfeito com os limites do flerte, tinha me levado a temer até mesmo um beijo.

Eu estabelecia uma relação confusa entre minha classe social de origem e o que estava acontecendo comigo. Primeira de uma família de operários e de pequenos comerciantes a ingressar no ensino superior, eu tinha escapado do chão de fábrica e do balcão. Mas nem o

*baccalauréat* e depois a graduação em letras tinham conseguido contornar a fatalidade da transmissão de uma pobreza da qual a menina grávida era, assim como o alcoólatra, o símbolo. Eu tinha ficado com o rabo preso e o que crescia dentro de mim era, de certa forma, o fracasso social.

Eu não sentia nenhum receio quanto à ideia de abortar. Parecia-me uma tarefa, senão fácil, ao menos realizável, e que dispensava qualquer coragem especial. Uma provação ordinária. Bastava seguir a trilha aberta e percorrida por uma longa tropa de mulheres antes de mim. Desde a adolescência, vinha colecionando relatos de aborto, lidos em romances, cochichados em fofocas de bairro. Tinha adquirido um vago conhecimento sobre os métodos — agulha de tricô, talo de salsa, injeções de água e sabão, equitação, sendo o melhor de todos encontrar um médico charlatão ou uma *faiseuse d'anges* — belo nome que se dava às aborteiras —, ambos muito caros, mas eu não fazia nem ideia dos valores. No ano anterior, uma jovem divorciada tinha me contado que um médico de Strasbourg a ajudara a entregar aos céus uma criança, sem me dar detalhes, a não ser “a dor era tanta que eu me agarrava na pia”. Eu também estava pronta para me agarrar na pia. Eu não achava que pudesse morrer assim.

Três dias após ter rasgado o atestado de gravidez, encontrei no pátio da faculdade Jean T., um estudante casado e assalariado a quem, dois anos antes, tinha emprestado minhas anotações de uma aula sobre Victor Hugo que ele não podia frequentar. Seu discurso impetuoso e suas ideias revolucionárias me convinham. Saímos para beber algo na *place* de la Gare, no Métropole. Em certo momento, dei a entender que estava grávida, sem dúvida porque pensei que ele poderia me ajudar. Eu sabia que ele fazia parte de uma associação semiclandestina que lutava pela liberdade de contracepção, Le Planning Familial, e imaginava que talvez estivesse ali minha salvação.

Imediatamente, ele adquiriu um ar de curiosidade e satisfação, como se estivesse me enxergando de pernas abertas, meu sexo em uma bandeja. Talvez ele também encontrasse

prazer na súbita transformação da estudante aplicada de ontem em uma menina encurralada. Ele queria saber de quem eu tinha engravidado, quando. Ele era a primeira pessoa com quem eu falava da minha situação. Ainda que ele não tivesse naquele momento nenhuma solução para mim, sua curiosidade me protegia. Ele me convidou para jantar na casa dele, na periferia de Rouen, e eu não queria ficar sozinha no quarto da *cité*.

Quando chegamos, sua mulher dava de comer ao filho, sentadinho em uma cadeira de bebê. Jean T. comentou brevemente com ela que eu tinha um contratempo. Um amigo chegou. Após colocar a criança para dormir, ela nos serviu lebre com espinafre. A cor verde do prato me deixava nauseada. Eu pensava que no ano seguinte pareceria a mulher de Jean se não abortasse. Após o jantar, ela saiu com o amigo para buscar uns materiais para a escola onde ela trabalhava como professora de educação infantil e eu comecei a lavar a louça com Jean T. Ele me agarrou e disse que tínhamos tempo de transar. Eu me desvencilhei dele e continuei lavando os pratos. A criança chorava no quarto ao lado, eu tinha vontade de vomitar. Jean T. me pressionava por trás enquanto secava a louça. Subitamente ele retomou seu tom habitual e fingiu que estivera apenas testando minha força moral. Sua mulher voltou e eles me convidaram para ficar. Estava tarde, nenhum deles devia ter disposição para me levar de volta. Dormi em um colchão inflável na sala de estar. Na manhã seguinte, voltei para o meu quarto da *cité*, que tinha deixado no começo da tarde do dia anterior, com meus materiais de aula. A cama estava arrumada, tudo estava igual e quase um dia inteiro tinha se passado. É por esse tipo de detalhe que percebemos quando a desordem está se instalando em nossa vida.

Eu não achava que Jean T. tivesse me tratado com desrespeito. Para ele, eu tinha passado da categoria de meninas que não se sabe se aceitariam dormir com alguém à categoria de meninas que, sem dúvida alguma, já tinham dormido com alguém. Em uma época em que essa distinção tinha uma importância capital e determinava a atitude dos meninos para com as meninas, ele se mostrava acima de tudo um homem pragmático, certo de que não me engravidaria visto que eu já estava grávida. Era um episódio desagradável, mas de todo modo insignificante, considerando meu estado. Ele tinha me prometido conseguir o endereço de um médico e eu não tinha mais ninguém a quem recorrer.

Dois dias depois, eu o reencontrei em seu escritório e ele me levou para comer em uma *brasserie* no cais, perto da estação rodoviária, em um bairro demolido durante a Segunda Guerra, reconstruído com concreto, onde eu nunca ia. Eu começava a sair da área e dos lugares que costumava frequentar àquela hora, com os outros estudantes. Ele pediu uns sanduíches. Sua fascinação não tinha esmorecido. Ele me disse rindo que ele e os amigos poderiam me colocar uma sonda, mas eu não sabia ao certo se ele estava brincando ou não. Em seguida ele me falou dos B., um casal cuja mulher tinha abortado dois ou três anos antes. “Aliás, foi por pouco que ela não morreu.” Ele não tinha o endereço dos B., mas eu poderia encontrar L.B. no jornal em que ela trabalhava como autônoma. Eu a conhecia de vista, tínhamos sido colegas na aula de filologia, uma moça baixa, de cabelo castanho, óculos grandes e ar severo. Em uma apresentação de aula, ela tinha recebido um elogio entusiasmado do professor. Saber que uma mulher como ela tinha passado por um aborto me tranquilizava.

Terminados os sanduíches, Jean T. se esparramou na cadeira e sorriu arreganhando os dentes separados: “Como é bom comer.” Eu estava enjoada e me senti sozinha. Começou a cair a ficha que Jean T. não queria se envolver nessa história. As meninas que queriam abortar não entravam no quadro moral determinado pelo Planning Familiar dele. O que ele queria, na verdade, era assistir a tudo de camarote e descobrir como eu sairia daquela saia justa. Algo como ver tudo e não pagar nada: ele tinha me dito que, enquanto membro de uma associação que militava a favor da maternidade desejada, ele não poderia “por razões morais” me emprestar dinheiro para abortar clandestinamente. (Na agenda, “Comi com T. no cais. Os problemas começam a se acumular”.)

A busca começou. Eu tinha que encontrar L.B. Seu marido, que eu já tinha visto várias vezes no restaurante distribuindo panfletos, aparentemente não ia mais lá. Ao meio-dia e de tardezinha, eu percorria as salas e ficava plantada no *hall*, em frente à porta.

Por duas noites seguidas esperei L.B. na frente do jornal *Paris-Normandie*. Eu não ousava entrar e perguntar se ela já tinha chegado. Temia que achassem minha atitude suspeita e mais ainda incomodar L.B. em seu local de trabalho para tratar de algo que quase a tinha

matado. Na segunda noite, chovia, eu era a única pessoa na rua, debaixo de um guarda-chuva, lendo maquinalmente as páginas de um jornal fixadas ao painel gradeado na parede, alternando o olhar entre as duas pontas da *rue* de l'Hôpital. L.B. estava em algum lugar em Rouen, ela era a única mulher que podia me salvar e ela não vinha. De volta à *cité*, em minha agenda: “Fiquei esperando L.B. mais uma vez, debaixo de chuva, mas nada de ela aparecer. Estou desesperada. Eu preciso me livrar dessa coisa.”

Eu não tinha nenhum indício, nenhuma pista.

Embora muitos romances mencionassem abortos, eles não forneciam detalhes precisos sobre como eles tinham sido feitos. Entre o momento em que a mulher descobria que estava grávida e o momento em que deixava de estar, havia um lapso. Na biblioteca pesquisei pela palavra “aborto”. As referências apontavam apenas para revistas médicas. Peguei duas delas, *Les archives médico-chirurgicales* e *La revue d'immunologie*. Eu esperava encontrar informações práticas, mas os artigos só tratavam das complicações de “abortos criminais”, o que não me interessava.

(Esses nomes e os códigos *Per m 484, n<sup>os</sup> 5 e 6, Norm. Mm 1065* estão anotados na folha de guarda da minha agenda de endereços da época. Eu fico olhando para esses garranchos em caneta esferográfica com um sentimento de estranheza e fascinação, como se essas provas materiais retivessem, de forma obscura e indestrutível, uma realidade que nem a memória nem a escrita, devido a sua instabilidade, poderiam me permitir atingir.)

Uma tarde, saí da *cité* determinada a encontrar um médico que aceitasse fazer o aborto. Essa criatura com certeza devia existir em algum lugar. Rouen tinha se tornado uma floresta de pedras cinzas. Eu examinava as placas douradas, perguntando-me quem estaria atrás delas. Eu não conseguia me decidir se tocava a campainha ou não. Eu aguardava um sinal.

Dirigi-me ao bairro de Martainville imaginando que, em um bairro pobre como aquele, os médicos deviam ser mais compreensivos.

Fazia um sol pálido de novembro. Eu caminhava com o refrão de uma música na cabeça que escutávamos sem parar, *Dominique nique nique*, cantada pela freira dominicana Soeur Sourire, a Irmã Sorriso, acompanhada de um violão. A letra era edificante e ingênua — Soeur Sourire não sabia que *niquer* quer dizer *foder* em francês —, mas a melodia era alegre e dançante. Aquilo me dava alento em minhas buscas. Cheguei na *place* Saint-Marc, onde havia barraquinhas de mercado amontoadas. Eu via ao fundo a loja de móveis Froger, onde tinha ido comprar um armário com minha mãe quando criança. Eu não olhava mais nem mesmo as placas das portas, eu errava sem objetivo.

(No *Le Monde*, há uns dez anos, fiquei sabendo do suicídio da Soeur Sourire. O jornal contava que, após o enorme sucesso de *Dominique*, ela tinha vivido todo tipo de desgosto com a ordem religiosa, tinha saído de lá e começado a viver com uma mulher. Aos poucos, tinha deixado de cantar e caído no esquecimento. Ela bebia. Aquela história me abalou profundamente. Pareceu-me que aquela mulher em ruptura com a sociedade, a apóstata mais ou menos lésbica, alcoólatra, que ela não sabia que se tornaria um dia, era quem tinha me acompanhado nas ruas de Martainville quando eu estava sozinha e desamparada. Nós estivéramos unidas por uma derrelição simplesmente deslocada no tempo. E, naquela tarde, minha força para viver se devera à música de uma mulher que, tempos depois, perder-se-ia até morrer. Eu desejei com todas as minhas forças que ela tivesse sido, ainda assim, um pouco feliz e que, nas noites de *whisky*, já conhecendo o sentido da palavra, tenha pensado que as boas irmãs, no fim das contas, ela tinha muito bem fodido.

Soeur Sourire faz parte dessas mulheres, mortas ou vivas, reais ou não, que nunca encontrei e com quem, apesar de todas as diferenças, sinto que tenho algo em comum. Elas formam em mim uma cadeia invisível em que andam juntas artistas, escritoras, heroínas de romances e mulheres da minha infância. É como se minha história estivesse nelas.)

### APÊNDICE CULTURAL

**IVG** — IVG é a sigla para *interruption volontaire de la grossesse*, interrupção voluntária da gravidez, modo como é chamado o aborto provocado, realizado por motivos não médicos, na França. Na época em que se passa a história de *O acontecimento*, entre 1963 e 1964, o aborto ainda era uma prática ilegal no país, onde, até a implementação da lei Neuwirth, em 1967, era inclusive proibido o uso de todo e qualquer método contraceptivo. Atualmente, a IVG é legal na França e entendida como um direito de escolha da mulher. O direito ao aborto foi conquistado em 17 de janeiro de 1975 com a lei Veil, proposta pela ministra da saúde Simone Veil. A aprovação dessa lei foi consequência do engajamento do movimento feminista do começo dos anos 70, especialmente do Movimento das 343, em 1971 — petição publicada pela revista *Le Nouvel Observateur* assinada por 343 mulheres, dentre elas diversas celebridades como Simone de Beauvoir e Catherine Deneuve, que declararam já terem feito um aborto —, e do processo de Bobigny de 1972, em que quatro mulheres além da vítima foram julgadas por terem auxiliado uma menina de 17 anos, grávida em consequência de um estupro, a abortar. Uma das limitações da lei Veil era que previa a possibilidade de aborto para quando a mulher estivesse em situação de *détresse*, isto é, de desespero, desamparo, angústia. A lei Vallaud-Belkacem de 2014 vem atualizar essa lei eliminando a noção de *détresse*, deixando a mulher livre para tomar as decisões sobre seu próprio corpo e prevendo multa para o impedimento de acesso ou distorção de informações relacionadas à IVG. Em 2013, a ministra Najat Vallaud-Belkacem também lançou o *site* governamental <http://www.ivg.gouv.fr> para fornecer à população francesa orientações sobre a IVG. Atualmente, uma IVG pode ser praticada na França até o fim da 12ª semana de gravidez ou até a 14ª semana de amenorria. Já o aborto por razão médica é realizado quando a gravidez coloca a vida da mulher em risco ou quando o feto tem alguma doença grave e incurável; nesse caso, o aborto pode ser realizado até o último momento da gravidez. Todas as mulheres grávidas, francesas ou estrangeiras, podem decidir por uma IVG na França, sejam elas maiores ou menores de idade, e o pedido do aborto só pode ser feito por elas. Também é disponibilizado apoio psicológico, opcional para maiores de idade e obrigatório para menores de idade. Além disso, existem dois

---

<sup>24</sup> Verbetes elaborados a partir de informações consultadas principalmente na enciclopédia livre Wikipédia, nas línguas português, francês e inglês, assim como em resenhas disponibilizadas em *sites* de livrarias.

métodos para a IVG, que ficam à escolha da mulher: o medicamentoso e o cirúrgico. Até 2015, o médico devia respeitar o prazo de uma semana de reflexão entre o pedido de IVG e sua prescrição, durante a qual a mulher devia pensar se tinha mesmo certeza de sua escolha. No entanto, como há um número máximo de semanas de gravidez em que a mulher pode recorrer ao aborto e como existem filas de espera para realizar o procedimento, várias mulheres deixavam de poder fazê-lo. Por esses motivos, o prazo de reflexão foi suprimido em 2015. A partir de 2016, a seguridade social francesa passou a reembolsar 100% das despesas com a IVG. Em 2016, no Brasil, o aborto ainda é uma prática ilegal e criminalizada, sendo permitida apenas em caso de estupro, se há risco de morte para a mãe ou se o feto é anencéfalo.

***Le Planning Familial*** — *Le Planning Familial* é um movimento francês criado em 1956 com o objetivo de mudar a lei Neuwirth de 1920, que proibia a contracepção e o aborto na França. Formado por homens e mulheres, defende, ainda hoje, o direito e o acesso ao aborto, à contracepção e à educação sexual nas escolas, além de lutar contra toda forma de violência, discriminação e desigualdade social e de combater a aids e outras DSTs. Atualmente tem como principal motivação formar e informar a população quanto a essas questões, por meio de eventos, intervenções, consultorias pessoais ou virtuais, oferecendo inclusive auxílio na escolha do método contraceptivo e orientações em relação à IVG.

***Faiseuse d'anges*** — *Faiseuse d'anges* era uma expressão utilizada na França para se referir às mulheres aborteiras, significando literalmente “fazedora de anjos”. A expressão remonta à época em que o aborto era uma prática ilegal no país, sendo realizado por pessoas, principalmente mulheres, sem formação médica e por métodos que colocavam em risco a vida e a saúde da mulher grávida. Antes de evoluir e adquirir esse sentido, a expressão era usada, até o final do século XIX, para denominar as amas de leite que propositalmente deixavam os bebês sob seu cuidado morrer. Acreditava-se que essas crianças inocentes iam diretamente ao céu, por isso a referência a anjos. Até a legalização do aborto, as *faiseuses d'anges* foram duramente punidas na França, tendo havido casos de pena de morte, principalmente durante a França de Vichy (1940-1944); um desses casos foi o de Marie-Louise Giraud, cuja história é contada no filme *Une femme d'affaires* (1988), de Claude Chabrol.

**Dominique** — *Dominique* é uma música religiosa lançada em 1962 pela cantora belga Soeur Sourire, nome artístico de Jeanine Deckers. A canção fala dos feitos do padre Dominique de Guzmán, fundador da ordem dominicana a que Soeur Sourire pertencia. A música fez um enorme sucesso internacional na época, sobretudo na Europa e na América Latina, e foi a única canção francesa a atingir o topo da parada norte-americana, no final de 1963. O álbum *Soeur Sourire (The Singing Nun)* foi o mais vendido nos Estados Unidos durante dez semanas, posto que perdeu para o primeiro grande álbum da banda The Beatles. Apesar do grande sucesso, Soeur Sourire não lucrrou muito com as canções, a maior parte do dinheiro tendo ido para a ordem religiosa e para a produtora Philips, que gravou as músicas. Em 1965, a cantora brasileira Giane lançou no Brasil uma adaptação de *Dominique*, de mesmo nome e melodia. Entretanto, a versão brasileira da música conta a história de Dominique, uma moça que espera incansavelmente por um príncipe encantado e, quando finalmente o encontra, ele a abandona. Soeur Sourire, ou Irmã Sorriso, como ficou conhecida no Brasil, acabou largando a ordem dominicana em 1966 e se lançou em uma nova carreira musical, independente, escrevendo músicas de combate ao conservadorismo e de teor feminista, como *La Pilule d'Or (A Pílula de Ouro)*, 1967), em que defende o uso da pílula anticoncepcional. Todavia, sua nova fase não faz o mesmo sucesso de outrora. Em 1974, o sistema tributário belga exige sua parte pela fortuna que deveria ter recebido com a fama da cantora na época de *Dominique*, e, sem conseguir pagar pelas dívidas e sem auxílio da ordem dominicana ou da produtora que gravou suas músicas, entrou em depressão, tornou-se alcoólatra e acabou se suicidando junto com sua companheira, Annie Pécher, em 1985.

**Expressões literárias “a travessia das aparências”, “além do bem e do mal” e “viagem ao fim da noite”** — As três expressões literárias mencionadas por Annie em *O acontecimento* fazem referência a três obras: *A viagem* (1915), de Virginia Woolf; *Além do bem e do mal. Prelúdio a uma filosofia do futuro* (1886), de Friedrich Nietzsche; e *Viagem ao fim da noite* (1932), de Louis-Ferdinand Céline.

*The Voyage Out*, título em inglês do romance de Virginia Woolf, é a história de uma viagem de barco realizada por Rachel Vinrace à América do Sul. Trata-se de uma história de autodescoberta, de passagem da adolescência à idade adulta, com características de uma viagem iniciática e mítica moderna. O livro funciona também como sátira social à vida Eduardiana. Esse foi o primeiro romance de Virginia Woolf, tendo sido escrito em um período em que a autora estava psicologicamente bastante vulnerável, em que sofria de depressão,

tendo chegado a tentar o suicídio. Nesse livro já é construída a base para sua obra, destacando-se o estilo de narrativa inovador e o foco na consciência feminina, na sexualidade e na morte.

A obra *Jenseits von Gut und Böse. Vorspiel einer Philosophie der Zukunft*, título em alemão de *Além do bem e do mal*, é uma das mais representativas e polêmicas obras do filósofo. É o primeiro livro da fase “destrutiva” de Nietzsche, em que acusa a filosofia ocidental de se basear em preconceitos morais, sobretudo cristãos, e defende que esta deveria refletir mais profundamente sobre o mundo à sua volta e se posicionar para além da moralidade, para *além do bem e do mal*.

*Voyage au bout de la nuit*, título em francês do romance de Louis-Ferdinand Céline, é uma obra de cunho autobiográfico que acompanha a trajetória do anti-herói Ferdinand Bardamu. Bardamu, assim como Céline, viveram a Primeira Guerra Mundial, que lhes revelou o absurdo do mundo. Entretanto, não se trata apenas de uma crítica aos horrores da guerra, que representou o fim de sua inocência e o ponto de partida para uma viagem sem esperança e sem saída, mas uma crítica a toda a humanidade, impregnada de pessimismo para com a natureza humana, as instituições, a sociedade e a vida em geral.



## 5 COMENTÁRIOS SOBRE A TRADUÇÃO

Neste capítulo, discutirei minhas escolhas tradutórias, separando-as em categorias de acordo com as técnicas de tradução empregadas. A nomenclatura e as definições das técnicas de tradução utilizadas aqui são as propostas por Hurtado Albir (2008), com exceção da noção de *equivalência funcional*, proposta por Nord (2008). Embora não seja possível, pelos limites do trabalho, discutir todas as soluções, abordarei exemplos emblemáticos para dar o tom das estratégias de tradução adotadas. O foco aqui será a discussão da tradução das *referências culturais*, mas não me restringirei a elas, tratando brevemente da tradução do *ritmo* do texto e da escolha das entradas para o *apêndice cultural* que acompanha a tradução do livro.

Para este trabalho, fui fazendo as escolhas tradutórias à medida que ia traduzindo e refletindo sobre o trecho de *L'événement* apresentado, de modo que o próprio processo de tradução e a intimidade com o texto foram me levando a pensar e repensar minhas escolhas. Assim, as soluções não estavam predeterminadas, o que faz com que haja casos que não se enquadrem perfeitamente em alguma das categorias, cujo padrão busquei após a tradução, ou casos semelhantes que tenham sido tratados de maneira diferente, por um motivo ou outro, de acordo com o problema de tradução e a intenção tradutória. Isso não quer dizer, pelo contrário, que as escolhas não tenham sido conscientemente refletidas e que não tenha se delimitado, desde o princípio, um projeto de tradução: propor uma tradução permeável de *L'événement* buscando criar uma ambientação francesa, justificada pelo gênero autobiográfico da obra.

### 5.1 EMPRÉSTIMO

Optei pela técnica de *empréstimo*, mantendo algumas palavras com a grafia em francês (HURTADO ALBIR, 2008, p. 271), para construir, como já explicado anteriormente, uma ambientação francesa no texto. Nesta categoria entram apenas os empréstimos do francês que dispensaram qualquer *amplificação*, isto é, que não vieram acompanhados de explicações adicionais ou glosas. Adotei essa técnica de tradução sobretudo com palavras morfossintaticamente mais transparentes para o leitor brasileiro, em geral com origem semelhante em português, que podem ser recuperadas com relativa facilidade pelo leitor visado; e com palavras ou referências próprias da cultura francesa que não encontram

equivalente na cultura brasileira, mas que podem, pelo contexto, ser compreendidas sem que haja necessidade de amplificação. Alguns empréstimos foram grafados em itálico e outros não, como veremos a seguir.

### 5.1.1 Empréstimo grafado em itálico

A grafia em itálico dos empréstimos se justifica em parte em respeito à norma, que exige que se destaquem palavras estrangeiras (MARTINS; ZILBERKNOP, 2010, p. 531), mas também por chamar atenção para essas palavras, permitindo que o leitor as diferencie das palavras em português. Essa técnica de tradução foi bastante empregada com palavras que dizem respeito à localização no espaço ou a endereços, como *rue* (rua), *boulevard* (bulevar), *place* (praça) e *cours* (alameda). *Rue* é uma palavra bastante parecida com *rua*, o que facilita a compreensão, e a palavra *bulevar* em português constitui um calco (uma reprodução) do francês *boulevard*. Em relação à palavra *cours*, provavelmente o leitor não saberá que se trata de uma alameda, mas, pelo contexto, poderá inferir que se refere a uma via da cidade: “Todas as imagens da minha estadia em Bordeaux — o quarto na *cours* Pasteur com o ruído incessante dos carros, a cama estreita [...]”<sup>25</sup>. Do contrário, a não compreensão não acarreta consequências importantes para a leitura do texto. O mesmo vale para as três ocorrências da palavra *place*, que também permitem inferir que se trata de uma localização na cidade: “[...] estava a caminho da *place* de l’Hôtel-de-Ville [...]”, “Saímos para beber algo na *place* de la Gare, no Métropole.” e “Cheguei na *place* Saint-Marc, onde havia barraquinhas de mercado amontoadas.”.

A palavra *brasserie* remete a grandes bares e restaurantes franceses em que se costuma consumir petiscos e cerveja, consistindo também em um elemento da cultura francesa. Assim, optei por, no trecho “Dois dias depois, eu o reencontrei em seu escritório e ele me levou para **comer** em uma *brasserie* no cais [...]”, fazer um empréstimo da palavra francesa. É possível que o leitor brasileiro não saiba exatamente o que é uma *brasserie*, mas a palavra *comer* já lhe permite inferir que se trata de um local em que se faz refeições. Além disso, a palavra está registrada no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP)<sup>26</sup> como palavra

---

<sup>25</sup> Os grifos em negrito neste capítulo não fazem parte da tradução e têm como objetivo destacar o que está sendo discutido nos comentários sobre a tradução. Reproduzirei o trecho da tradução em português e o texto de partida neste capítulo apenas quando julgar que a reprodução é necessária para o acompanhamento dos comentários.

<sup>26</sup> Disponível em: <<http://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>. Acesso em: 10 nov. 16.

estrangeira — ou seja, embora de origem estrangeira, faz parte, segundo a Academia Brasileira de Letras, da língua portuguesa.

Os empréstimos do inglês, já estrangeiros no texto em francês, embora não estejam em itálico no TP, foram grafados em itálico no TC. Essas palavras são *walkman*, *hall* e *whisky*, e as três são bastante conhecidas pelos falantes de português brasileiro, além de as duas últimas constarem no VOLP como palavras estrangeiras. Optei por grafá-las em itálico para que não destoassem da grafia em itálico das palavras estrangeiras em francês; dito de outro modo, fiz essa escolha visando a uma padronização.

Quanto à palavra *caleçon*, em francês, que traduzi por *legging*, trata-se de um caso à parte: em francês não se faz uso de empréstimo para se referir a esse tipo de calça justa e esportiva, enquanto, no português, costumamos usar a palavra *legging* do inglês. Acabei adicionando, nesse caso, uma referência estrangeira à tradução. Embora não conste no VOLP, essa é uma palavra muito comum no português brasileiro.

No que diz respeito às referências a nomes de livros, peças de teatro, músicas, revistas, filmes, jornais, trechos de músicas, optei por mantê-las com a grafia original e, assim como no TP, em itálico, sobretudo para que ficassem em destaque e pudessem ser reconhecidas como obras, evitando confusão com o resto do texto, por exemplo. A maior parte dessas referências está em francês, mas é feita a menção a um filme de nome italiano. Cito as ocorrências: *Il posto*, *Huis clos*, *Lagarde et Michard*, *L'Enlèvement des Sabines*, *La Javanaise*, *J'ai la mémoire qui flanche*, *Paris-Normandie*, *Les archives médico-chirurgicales*, *La revue d'immunologie*, *Dominique nique nique* e *Le Monde*.

Dentre os nomes de obras, apenas três já foram traduzidos para o português: *Il posto* foi lançado como *O Emprego*, *Huis Clos* como *Entre Quatro Paredes*, e *L'Enlèvement des Sabines* como *O Rapto das Sabinas* — sem contar a adaptação da canção *Dominique*, já mencionada no apêndice cultural. Assim, poderia ter empregado essas traduções para os três casos mencionados, mas optei pelos empréstimos indo ao encontro da escolha por uma tradução permeável. De todo modo, com a internet o leitor facilmente consegue encontrar mais informações sobre essas referências. Não faria nenhum sentido também, devido ao projeto de tradução em questão, trocar as obras ou músicas por outras brasileiras, pois essa escolha não levaria em conta o gênero autobiográfico do livro e toda a reflexão levantada neste trabalho.

No trecho “Parto de: *Mademoiselle Annie Duchesne*. Previsto para: 8 de julho de 1964.”, *mademoiselle* (senhorita) é uma palavra bastante conhecida em português, presente também no VOLP como palavra estrangeira. Desse modo, optei neste caso por um empréstimo visando reforçar a ambientação do texto em um quadro francês. O mesmo ocorreu com a citação da fonte da enciclopédia “Nouveau Larousse Universel, *édition de* 1948.”, em que decidi não traduzir *édition* por *edição* por se tratar de uma palavra semelhante do seu equivalente em português e por enfatizar o fato de que se trata de um documento originalmente em francês, o que também colabora para a construção da ambientação francesa.

Já em “Mas nem o *baccalauréat* e depois a graduação em letras tinham conseguido contornar a fatalidade da transmissão de uma pobreza [...]”, no TP “Mais ni le **bac** ni la licence de lettres n’avaient réussi à détourner la fatalité de la transmission d’une pauvreté [...]”, optei por fazer um empréstimo e por abrir, ao mesmo tempo, a abreviação de *bac*, grafando *baccalauréat*, sem adicionar qualquer explicação. Ainda que o leitor brasileiro possivelmente não saiba que o *baccalauréat* é um diploma nacional francês que permite concluir o *lycée*, ensino secundário, e que é exigido para ingresso no ensino superior, ele pode inferir pela palavra *depois* (ausente no TP) que o *baccalauréat* está relacionado à educação e que vem antes da faculdade.

O *baccalauréat* não funciona da mesma forma que o vestibular ou o ENEM no Brasil, que não são exigidos para conclusão do ensino secundário, de modo que eles não são equivalentes perfeitos. No entanto, em uma tradução de diretriz não permeável, essa seria de fato uma solução possível. Uma outra justificativa para minha escolha reside no fato de que existe na enciclopédia *online* Wikipédia um artigo em português sobre o funcionamento do *baccalauréat* na França<sup>27</sup>, e acredito que o uso da palavra não abreviada também venha facilitar uma possível pesquisa. Por fim, não se trata de uma informação crucial para o enredo e ajuda a situar a história em um contexto francês.

Os códigos das revistas científicas pesquisadas por Annie na biblioteca de Rouen, no trecho “Esses nomes e os códigos *Per m 484, n<sup>os</sup> 5 e 6, Norm. Mm 1065* estão anotados na folha de guarda da minha agenda de endereços da época.”, foram mantidos exatamente como no TP, também em itálico. Essa escolha se justifica por mais de um motivo: primeiramente porque é difícil saber ao certo o que cada uma dessas siglas significa em francês no sistema de catalogação da biblioteca em questão; em segundo lugar, e como principal motivo, por esses

---

<sup>27</sup> Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Baccalauréat>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

serem precisamente os códigos que ela buscou e que a levaram aos periódicos. A principal justificativa vai, portanto, no mesmo sentido da escolha por uma tradução permeável: por se tratar de um relato autobiográfico.

Por fim, em “Segui pelo longo corredor abobadado do **pavilhão** Élisia.”, tradução de “J’ai suivi le long couloir voûté du **pavillon** Élisia.”, poderia ter recorrido a um empréstimo da palavra *pavillon*, mas não achei que fosse necessário, nesse momento, imprimir uma marca estrangeira no texto. O caráter permeável do texto já fora assegurado por outras soluções, e o excesso de estrangeirismos pode sobrecarregar o texto, sem acrescentar nada de novo. O mesmo ocorreu com as palavras *quartier*, que traduzi por bairro, e *station [de métro]*, que traduzi por *estação [de metrô]*, evitando o empréstimo, embora se tratasse de palavras que remetem à localização na cidade. Isso evidencia que as decisões foram tomadas crítica e conscientemente, além de revelar a subjetividade da tradução.

### 5.1.2 Empréstimo grafado sem itálico

Em relação aos nomes próprios em francês, optei mais uma vez pelo empréstimo, mas dessa vez sem itálico, justamente por se tratar de nomes próprios. É o caso dos nomes das estações de metrô, como “estação Barbès”, ou dos nomes de ruas, avenidas, praças, bulevares, alamedas, bairros: “*boulevard* de Magenta”, “*rue* Ambroise-Paré”, “*place* de l’Hôtel-de-Ville”, “*cours* Pasteur”, “bairro de Martainville”. Pode-se observar que houve, em algumas situações, mistura da primeira e da segunda categoria. No caso de nomes de ruas compostos, como “*rue de l’Hôpital*”, entendo que a preposição e o artigo *de l’* fazem parte do nome próprio da rua, por isso não os grafei em itálico.

Também tomei essa decisão para nomes de cidades (Rouen, Bordeaux, Dallas, Strasbourg), de lojas (Tati, Billy, Froger), do hospital Lariboisière, do pavilhão do hospital chamado Élisia, de personagens e pessoas (Estelle, Garçon, Victor Hugo, Annie Duchesne, Jean T.), de restaurantes, cafés e bares (Montaigne, Faluche, Métropole).

Quanto à fonte da citação enciclopédica, preferi deixar “Nouveau Larousse Universel” sem itálico, ao contrário das outras citações de obras, mencionados na primeira categoria, porque acredito que se trate de um caso à parte. O nome da enciclopédia aparece como fonte em uma citação e tem destaque visual, diferentemente das outras ocorrências de nomes de livros.

Em “Eu sabia que ele fazia parte de uma associação semiclandestina que lutava pela liberdade de contracepção, **Le Planning Familial**, e imaginava que talvez estivesse ali minha salvação.”, tradução de “Je savais qu’il était dans une association semi-clandestine luttant pour la liberté de la contraception, **le Planning familial**, et j’imaginais peut-être un secours de côté-là.”, também optei pelo empréstimo para a tradução de *Le Planning Familial*, por ser esse o nome do movimento. Mantive o *Le*, com “L” maiúsculo e *Familial* com “F” maiúsculo porque percebi, ao estudar o *site* oficial do movimento<sup>28</sup>, que se costuma chamá-lo desse modo. Nesse sentido, houve maior interferência da parte do tradutor, não sendo esse um simples caso de empréstimo. Também não foi necessário recorrer aqui à amplificação, pois a própria autora explica, em francês, o que é Le Planning Familial. Ainda assim, essa foi uma das entradas no apêndice cultural, em que busquei trazer mais informações sobre o movimento, estreitamente relacionado à temática da obra.

## 5.2 AMPLIFICAÇÃO

Nesta categoria, encontram-se as soluções em que recorri à *amplificação*, que consiste na adição, por parte do tradutor, de informações, explicações ou glosas ausentes no TP (HURTADO ALBIR, 2008, p. 269). Essa foi uma técnica que veio acompanhada, na maior parte das vezes, da técnica de empréstimo e que foi utilizada principalmente, mas não apenas, nos casos em que a cultura do TP era muito distante da cultura do TC e em que era interessante manter essa distância, evidenciando essa diferença; sendo assim, para a diferença existir e ser compreendida pelo leitor brasileiro, fez-se necessário adicionar algum tipo de explicação.

Percebe-se que essa técnica pressupõe maior interferência do tradutor no texto, sem que a tradução deixe de ser, no entanto, permeável: ainda se revela a cultura do Outro, mas o tradutor forja uma ponte para ajudar o leitor a acessá-la. Essa técnica, embora implique uma maior proximidade do público leitor, é diferente de uma tradução não permeável, em que se buscariam os equivalentes funcionais na língua e cultura de chegada, como foi feito na terceira categoria.

No trecho “Ao retornar para o meu quarto da *cité universitaire des filles*, na rue d’Herbouville, **onde são entravam meninas**, eu sempre esperava encontrar minha calcinha

---

<sup>28</sup> Disponível em: <<http://www.planning-familial.org/>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

manchada.”, tradução de “En rentrant dans ma chambre, à la  **cité universitaire des filles**, rue d’Herbouville, j’espérais toujours voir une tache sur mon slip.”, optei pelo empréstimo de  *cité universitaire des filles* por esse referente não existir no Brasil. Trata-se de um conjunto de residências universitárias, neste caso específico para meninas, que também dispõe de outros serviços, como enfermaria, correio, refeitório e/ou lancheria, biblioteca, salas de estudo, espaço esportivo, etc. No Brasil, existem repúblicas, pensões, pensionatos, casas de estudantes, residências universitárias, mas nenhum estabelecimento exatamente com as mesmas características.

No entanto, avaliei que esse seria um caso em que o referente não estaria claro para o leitor brasileiro e que esse seria um dado relevante para o enredo (mais adiante na história, é dentro do quarto da  *cité* que Annie aborta o feto, por exemplo). Aqui o leitor saberia que se trata de um quarto em algum lugar e provavelmente reconheceria a palavra  *universitaire*, próxima de  *universitário*. Todavia, dificilmente saberia que esse é um local exclusivo para mulheres — informação importante para pintar o quadro da época, nos anos 60, em que a desigualdade de gênero era muito maior do que hoje. Foi por isso que decidi recorrer a uma amplificação, adicionando “onde só entravam meninas”, a partir da qual o leitor, juntando as três informações —  *quarto, universitaire e só entravam meninas* —, conseguiria chegar ao significado de  *cité universitaire des filles*, ou ao menos ao que julguei que era essencial para a narrativa.

Observa-se, por fim, que essa amplificação não foi altamente explicativa, como seria caso traduzisse “ *cité universitaire des filles*, conjunto de residências universitárias específico para meninas, que também dispõe de outros serviços”, como mencionei anteriormente. Embora também seja classificada como amplificação por Hurtado Albir, a nota de rodapé difere bastante da técnica que adotei, pois na primeira há um desvio do texto e a interferência explícita da voz do tradutor. Com essa solução, é provável que o leitor nem se dê conta de que a informação não vem da autora, o que consiste em um ganho tendo-se em conta este projeto de tradução. Nas ocorrências seguintes de  *cité* no texto, mantive a escolha pelo empréstimo em itálico, sem recorrer novamente à amplificação.

Em “No fim de semana  **da Toussaint, dia de Todos-os-Santos**, fui visitar meus pais como de costume.”, tradução de “Au week-end de  **la Toussaint**, je suis retournée comme d’habitude chez mes parents.”, optei por manter o nome original do feriado  *Toussaint* e

adicionar seu equivalente em português porque a relação dos franceses com esse feriado é diferente quando comparada ao contexto brasileiro: costuma-se tirar uma semana de férias nas escolas e nas universidades da França nessa época, por exemplo. Mas, como também temos esse feriado no Brasil e como *Toussaint* não é uma palavra transparente, julguei ser interessante oferecer ao leitor a tradução. Ainda que a diferença entre as duas realidades não seja extremamente grande e que nesse caso não possa ser de fato notada pelo leitor, essa solução também acaba sendo um elemento que ajuda a pintar o quadro francês almejado para esta tradução.

No seguinte caso, “Na farmácia, recomendaram-me **Hepatoum**, um líquido denso e verde **para facilitar a digestão**, que me deixava ainda mais nauseada.”, tradução de “À la pharmacie, on m’a donné de l’**Hepatoum**, un liquide épais et vert qui m’écœurait encore plus.”, optei por manter o nome do remédio francês, pois foi precisamente esse remédio que Annie tomou, e não um *Epocler*, por exemplo, remédio brasileiro que tem função semelhante ao *Hepatoum*. Contudo, como o leitor brasileiro desconhece o remédio mencionado e como as informações sobre ele na internet estão majoritariamente em francês, optei por adicionar no texto a função do remédio, que é justamente facilitar a digestão. Desse modo, o leitor pode ter certeza de que o remédio que deram a ela não era abortivo, por exemplo. Esse também é um caso em que a técnica de amplificação é discreta, devendo passar despercebida pelo leitor.

No trecho “A superiora me recebeu com o volume do século XVI da **coleção literária *Lagarde et Michard*** na mão.”, tradução de “La supérieure m’a reçue, **le *Lagarde et Michard*** du XVI<sup>e</sup> siècle à la main.”, também adicionei uma informação explicando o que é a obra *Lagarde et Michard*, bastante usada nas escolas na França, mas desconhecida para o público brasileiro.

Em “Ele queria saber o que eu estava indo fazer na **margem esquerda do Sena**.”, tradução de “Il voulait savoir ce que j’allais faire **rive gauche**.”, explicitarei a que *rive gauche* (margem esquerda) faz menção — margem esquerda do rio Sena —, informação que faz parte da cultura compartilhada dos franceses mas que pode ser obscura para o público-alvo da tradução.

No trecho “a **terrasse** do **café Montaigne**”, tradução de “la terrasse du Montaigne”, incluí a informação, que descobri por pesquisas na internet, de que o Montaigne é um café, mantendo o empréstimo de *terrasse*. A *terrasse* de um café na França diz respeito à área em frente ao café, na calçada, em que são colocadas mesas voltadas para a rua, onde as pessoas se sentam para tomar ar e observar o movimento. Esse é um elemento importante da cultura

compartilhada francesa e evoca, para o francês, outras informações, como o fato de ser possivelmente mais caro tomar um café na *terrasse* do que dentro da cafeteria em si. Embora no Brasil não exista essa tradição, a palavra *terrasse* lembra a palavra *terraço* em português, que consiste em uma varanda. Assim, a referência à cultura francesa é mantida, a adição da palavra *café* permite que o leitor saiba que se fala de uma cafeteria, e a semelhança das palavras *terrasse* e *terraço* permite ao leitor inferir que se trata de uma área externa anexa ao café.

Em “A enfermeira do **CROUS, assistência estudantil para universitários**, aplicou-me uma injeção”, tradução de “L’infirmière du **Crous** m’a fait une piqûre”, adicionei uma informação explicando o que é o Crous (sigla de Centre Régional des Oeuvres Universitaires et Scolaires, Centro Regional das Obras Universitárias e Escolares) na França, pois essa é uma informação que o leitor brasileiro desconhece e a falta da explicação pode gerar excessivo estranhamento. Além disso, embora costume-se escrever Crous apenas com o “C” em maiúscula, optei por grafar toda a sigla em maiúsculas, adequando-a à norma do português (MARTINS; ZILBERKNOP, 2010, p. 529), para deixar claro para o leitor que se trata de uma sigla.

Na passagem “É justamente porque nenhuma interdição recai mais sobre o aborto **na França** que posso, afastando o senso comum e as frases feitas necessariamente simplificadas, [...]”, tradução de “C’est justement parce qu’aucune interdiction ne pèse plus sur l’avortement que je peux, écartant le sens collectif et les formules nécessairement simplifiées, [...]”, temos um interessante exemplo de intervenção do tradutor quanto à realocação de uma informação. Se não houvesse a inclusão de *na França* neste trecho, o leitor poderia achar que se trata de uma informação válida para todo o mundo ou para o Brasil, o que certamente não é o caso. Tendo-se em conta que é justamente essa diferença de realidades uma das principais motivações para a tradução desta obra para o português brasileiro, é bastante relevante chamar atenção para essa diferença.

Observemos agora a tradução do trecho a seguir, acompanhada do TP:

Tinha adquirido um vago conhecimento sobre os métodos — agulha de tricô, talo de salsa, injeções de água e sabão, equitação, sendo o melhor de todos encontrar um médico charlatão ou uma *faiseuse d’anges* — belo nome que se dava **às aborteiras** —, ambos muito caros, mas eu não fazia nem ideia dos valores. No ano anterior, uma jovem divorciada tinha me contado que um médico de Strasbourg a **ajudara a entregar aos céus uma criança**, sem me dar detalhes, a não ser “a dor era tanta que eu me agarrava na pia”.

J'avais acquis un savoir vague sur les moyens à utiliser, l'aiguille à tricoter, la queue de persil, les injections d'eau savonneuse, l'équitation — la meilleure solution consistant à trouver un médecin dit « marron » ou une femme au joli nom, une « **faiseuse d'anges** », l'un et l'autre très coûteux mais je n'avais aucune idée des tarifs. L'année d'avant, une jeune femme divorcée m'avait raconté qu'un médecin de Strasbourg lui **avait fait passer un enfant**, sans me donner de détails, sauf, « j'avais tellement mal que je me cramponnais au lavabo ».

Nesse caso, recorri a uma amplificação e a uma *compensação*, técnica em que o tradutor introduz em outro lugar do texto uma informação ou efeito estilístico que não pôde reproduzir no mesmo lugar em que aparece no TP (HURTADO ALBIR, 2008, p. 270). *Faiseuse d'anges* significa literalmente “fazedora de anjos”, como já explicado anteriormente. É importante enfatizar que essa era uma palavra bastante utilizada na França para se referir às aborteiras, e não uma imagem poética criada pela autora. Assim, optei por manter o nome em francês, por ser algo bem específico da cultura francesa, e adicionei uma explicação com um referente conhecido pelo leitor brasileiro, ligando *faiseuse d'anges* a *aborteira*. Logo adiante, em *ajudara a entregar aos céus uma criança*, empreguei a técnica de compensação: em vez de apenas traduzir o verbo *faire passer*, eufemismo para *matar*, retomei a ideia de *céu*, próxima de *anjo*, reproduzindo também o eufemismo.

No excerto “[...] em um bairro demolido durante a **Segunda Guerra** [...]”, tradução de “[...] dans un quartier démoli pendant **la guerre** [...]”, adicionei a informação sobre qual guerra está se falando, pois, embora esse fato possa fazer parte da cultura compartilhada francesa, é bem possível que não seja recuperado por um brasileiro.

Em “Eu caminhava com o refrão de uma música na cabeça que escutávamos sem parar, *Dominique nique nique*, cantada pela freira dominicana **Soeur Sourire, a Irmã Sorriso**, acompanhada de um violão.”, no TP “J’avançais avec, dans la tête, le refrain d’une chanson qu’on entendait sans arrêt, *Dominique nique nique*, chantée par une religieuse dominicaine qui s’accompagnait à la guitare, **Soeur Sourire**.”, mantive o nome em francês da *Soeur Sourire*, nome artístico de Jeanine Deckers, como já explicado no apêndice cultural, e retomei o nome pelo qual ela ficou conhecida no Brasil, *Irmã Sorriso*, tradução literal do nome em francês. Nas ocorrências seguintes, usei apenas o nome em francês, sem retomar sua tradução em português.

Ainda sobre a música de *Soeur Sourire*, cujo refrão é *Dominique nique nique*, observemos o seguinte trecho: “A letra era edificante e ingênua — *Soeur Sourire* não sabia

que *niquer* quer dizer *foder* em francês —, mas a melodia era alegre e dançante.”, tradução de “Les paroles étaient édifiantes et naïves — Soeur Sourire ne connaissait pas le sens de *niquer* —, mais la musique joyeuse et dansante.”. Ernaux criou aqui um jogo de palavras com o sentido de *niquer* em francês e o nome do padre Dominique, que, para além do efeito sonoro criado pela repetição de *nique*, faz com que o refrão seja compreendido como “Dominique fode fode”. Como o leitor brasileiro muito provavelmente desconhece o significado de *niquer* em francês, ele não entenderia a piada se não houvesse algum tipo de amplificação — lembrando que, neste projeto de tradução, não faria sentido algum escolher outra música para reproduzir o jogo de palavras em português, visto que foi essa a música que marcou o acontecimento na vida de Annie. Assim, achei melhor explicar a piada, retomando o que *niquer* significa em francês, de modo que o leitor brasileiro pudesse entender o jogo de palavras presente no TP. Diferentemente de outros casos já analisados aqui, essa é uma solução que deixa evidente a interferência do tradutor no texto.

### 5.3 EQUIVALÊNCIA FUNCIONAL

Nesta categoria, elenquei os casos em que recorri à *equivalência funcional*, técnica em que se propõe uma tradução que respeite a intenção comunicativa do TP e que leve em conta a função comunicativa da tradução (NORD, 2008, p. 51). A equivalência funcional decorre da tradução de textos e não de línguas, de modo que está sempre ligada a um contexto, a um objetivo e a um público-alvo, o que faz com que o equivalente funcional não seja absoluto e não possa ser previsto de antemão.

Neste caso, a tradução é bastante guiada pelo receptor, pelo público-alvo da tradução. Sendo assim, as soluções desta categoria são características de uma tradução menos permeável, uma vez que há maior aproximação do que já existe ou do que já é conhecido pela cultura do TC. Recorri a essa técnica principalmente quando o referente da língua de partida encontrava um equivalente funcional na língua de chegada e quando avaliei que o empréstimo seria desnecessário, ou que causaria excessivo estranhamento ou mesmo incompreensão. Trata-se também de problemas de tradução que exigiram maior criatividade para serem traduzidos.

A tradução de *service de dépistage* por *centro de testagem* (“Na recepção do **centro de testagem**, entreguei o cartão com meu número.”), no TP “À l’accueil du **service de dépistage**,

j'ai remis le carton où est inscrit mon numéro.”), toma os dois termos como equivalentes funcionais. O *service de dépistage*, na França, costuma estar localizado dentro de um hospital e tem como função a realização de testes de doenças sexualmente transmissíveis, sobretudo de HIV/aids. Os primeiros *tests de dépistage* da França foram realizados em 1985<sup>29</sup>. No Brasil, foram criados em 1988 os Centros de Testagem e Aconselhamento (CTA) (designados na época Centros de Orientação e Apoio), serviços de saúde que realizam ações de diagnóstico e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, como o HIV<sup>30</sup>. No entanto, no Brasil os CTA costumam ser unidades independentes, sem ligação com um hospital.

Assim, os CTA são um serviço específico brasileiro, que certamente têm organização, histórico e características diferentes dos *services de dépistage* da França. Todavia, há características que os aproximam e, no caso da tradução, fazem com que sejam equivalentes funcionais, que é o fato de serem locais designados para testes de doenças sexualmente transmissíveis. Desse modo, utilizei um elemento da cultura brasileira para traduzir um estabelecimento francês porque entendi que essa não seria uma solução marcadamente domesticadora e porque avaliei que seria um referente identificável pelo leitor.

Traduzi *classe de seconde*, equivalente ao nosso primeiro ano do ensino médio no Brasil, por *primeiro ano do liceu*. Optei por *liceu* depois de estudar os nomes que o ensino secundário já teve no Brasil, procurando empregar um termo que parecesse datado, visto que a história se passa em 1963. Assim, achei que liceu daria conta desse sentido, além de remeter a *lycée*, nome dado ao ensino médio na França.

Traduzi *méthode Ogino*, redução do termo *méthode Ogino-Knaus*<sup>31</sup>, por *tabelinha*. Ambos dizem respeito ao método contraceptivo baseado no cálculo dos dias em que provavelmente se estará mais apta a engravidar, em função do início e do fim do período fértil. Em português também existe o nome *método Ogino-Knaus*, que pode ser igualmente chamado de *método rítmico*. Todavia, o nome mais conhecido é justamente *tabelinha*, de modo que depreendi que, se traduzisse por um dos outros nomes, o leitor não conseguiria identificar o referente. Aqui, justamente porque prevejo o público-alvo, optei pela variante

---

<sup>29</sup> Disponível em: <<http://www.jeminforme.be/sante-drogues/sida/histoire-du-sida>>. Acesso em: 14 nov. 2016.

<sup>30</sup> Disponível em: <[http://www.aids.gov.br/tipo\\_endereco/centro-de-testagem-e-aconselhamento](http://www.aids.gov.br/tipo_endereco/centro-de-testagem-e-aconselhamento)>. Acesso em: 14 nov. 2016.

<sup>31</sup> O método Ogino, criado por Kyusaku Ogino, foi pensado com o objetivo de procriação, em que se conheceria o período fértil para aumentar a probabilidade de ter filhos. Já Hermann Knaus propôs que se usasse esse método, nomeado, então, método Ogino-Knaus, para contracepção. (Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Método\\_rítmico](https://pt.wikipedia.org/wiki/Método_rítmico)>. Acesso em: 14 nov. 2016.)

popular do termo científico. Além disso, o termo em questão não aponta para a cultura francesa, de modo que não se justificaria a escolha por uma tradução permeável neste caso.

Em “Toda vez que penso nessa época, vêm-me à mente expressões literárias como **“a travessia das aparências”**, **“além do bem e do mal”** ou ainda **“viagem ao fim da noite”**.”, tradução de “À chaque fois que j’ai pensé à cette période, il m’est venu en tête des expressions littéraires telles que **« la traversée des apparences »**, **« par-delà le bien et le mal »**, ou encore **« le voyage au bout de la nuit »**.”. Essas três referências entre aspas dizem respeito a três títulos de livros, como já explicado no apêndice cultural. *La traversée des apparences* é a tradução francesa de *The Voyage Out*, primeiro romance de Virginia Woolf, publicado em 1915. No Brasil, essa obra foi traduzida como *A viagem*. *Par-delà le bien et le mal* é a tradução do texto em alemão *Jenseits von Gut und Böse*, de Friedrich Nietzsche, publicado em 1886, tendo sido traduzido para o português como *Além do bem e do mal*. Finalmente, *Voyage au bout de la nuit* é uma obra em francês de Louis-Ferdinand Céline, publicada em 1932, e traduzida para o português como *Viagem ao fim da noite*.

Como pode-se observar, empreguei a tradução consagrada em português de duas das três obras mencionadas. No entanto, a tradução da obra de Woolf se mostrou mais desafiadora, pois seu título nas três línguas ficou bem diferente: *The Voyage Out*, *La Traversée des Apparences* e *A Viagem*. Como a autora fala em “expressões literárias”, que não fazem pensar imediatamente em títulos de livros, concluí que *A viagem* não seria uma boa tradução, pois não é exatamente uma expressão literária como os outros títulos, além de repetir a palavra *viagem*, já presente no título da terceira obra, quando a repetição não tinha sido usada no TP. Assim, optei por traduzir literalmente o título em francês, embora essa escolha acarrete a não identificação da tradução da obra em português. O apêndice cultural vem, entretanto, responder a essa questão.

A seguir, comento o jogo de palavras recriado para “Ao pensar em minha situação, não usava nenhuma das palavras que a designam, nem **“estou esperando um bebê”**, nem **“gestante”** e muito menos **“gravidez”**, vizinho de **“gravidade”**.”, proposta de tradução para “Pour penser ma situation, je n’employais aucun des termes qui la désignent, ni **« j’attends un enfant »**, ni **« enceinte »**, encore moins **« grossesse »**, voisin de **« grotesque »**.” Esse problema de tradução decorre de dois fatores: em francês, costuma-se usar duas palavras de origem diferente para o substantivo e para o adjetivo, *grossesse* e *enceinte*, contrariamente ao português, em que usamos *gravidez* e *grávida*. O segundo fator diz respeito ao fato de, em

português, nenhuma dessas palavras lembrarem *grotesco*, tradução literal de *grotesque*. Assim, traduzi *enceinte* não por *grávida*, mas por *gestante*, de modo que não utilizei palavras semelhantes na mesma frase, e recriei o jogo de palavras com *gravidade*, palavra inclusive de mesma origem que *gravidez*. Traduzi, desse modo, o que avaliei ser mais relevante, respeitando a intenção comunicativa do TP: o jogo de palavras e o traço negativo de *grotesque*.

Para pensar em uma saída para esse problema, criei uma tabela (Tabela 1) em que faço um levantamento do léxico relacionado à gravidez em português e em francês, principalmente com base na morfologia e na etimologia das palavras. Reproduzo-a aqui para fins de curiosidade e para remontar o caminho que percorri para a tradução.

Tabela 1 — Equivalentes em português e francês relacionados à gravidez

PORTUGUÊS	FRANCÊS
grávida	
	enceinte
gravidez	gravidité (raro!)
	grossesse
gestante	
gestação	gestation
útero gravídico	utérus grvide
prenhez	
prenha/prenhe	
maternidade	maternité
embaraçado (apenas em Portugal)	

#### 5.4 TRADUÇÃO DO RITMO

A tradução do ritmo do texto, por sua vez, não é tão fácil de ser ilustrada, mas algumas das características do ritmo de *L'événement* são as repetições, a pontuação e a construção sintática, que procurei respeitar na tradução. Demonstro aqui, brevemente, alguns exemplos.

É curioso que, quando é feita a transição do momento do teste de HIV para a história do aborto, em 1963, a autora começa a maior parte dos parágrafos por um adjunto adverbial de tempo, com expressões como “Au mois d’octobre 1963” (“Em outubro de 1963”), “Un après midi” (“Uma tarde”), “Un soir” (“Uma noite”), “Fin octobre” (“No final de outubro”), “Au week-end” (“No fim de semana”), “Le lundi” (“Na segunda-feira”), etc. Essa característica pode estar relacionada ao aspecto de diário do livro, gênero textual que costuma começar pela data de escrita, ou então ao funcionamento da memória em si, que nos faz buscar situar os acontecimentos no tempo. Assim, essa é uma importante característica do ritmo que cuidei para manter na tradução.

Em “La fille blonde gardait les yeux baissés, presque fermés, son blouson de cuir plié sur ses genoux, elle paraissait pétrifiée.”, percebemos uma construção incomum em francês, em que se troca três vezes de sujeito na frase, sem pontuação final. Desse modo, busquei reproduzir o ritmo dessa frase, que também causa certo estranhamento em português: “A moça loira mantinha os olhos no chão, quase fechados, a jaqueta de couro dobrada sobre os joelhos, ela parecia petrificada.”

Na frase “C’était quelqu’un du box d’à côté, un garçon qui est passé rapidement, je n’ai vu que des lunettes et une queue-de-cheval.”, também se estranha a ausência de preposição e de pronome possessivo ligando os óculos e o rabo de cavalo a quem os possui, o que procurei reproduzir na tradução: “Era alguém da sala ao lado, um rapaz que passou apressado, vi apenas os óculos e um rabo de cavalo.”

Em “De retour à Rouen, j’ai téléphoné au docteur N. qui m’a confirmé mon état et annoncé qu’il m’envoyait mon certificat de grossesse. Je l’ai reçu le lendemain. Accouchement de: *Mademoiselle Annie Duchesne*. Prévu le: *8 juillet 1964*. J’ai vu l’été, le soleil. J’ai déchiré le certificat.”, observamos um trecho bastante ritmado pela pontuação, com frases curtas. Busquei manter a pontuação e as frases “quebradas” na tradução: “De volta a Rouen, telefonei para o doutor N., que confirmou minha condição e avisou que me enviaria o atestado de gravidez. Eu o recebi no dia seguinte. Parto de: *Mademoiselle Annie Duchesne*. Previsto para: *8 de julho de 1964*. Vi o verão, o sol. Rasguei o atestado.”

## 5.5 APÊNDICE CULTURAL

Como já mencionado anteriormente, propus para a tradução do livro *L'événement* um apêndice cultural, que viria após a tradução e que não estaria ligado a ela por remissões. Trata-se de glosas enciclopédicas que vêm adicionar informações novas em relação à cultura do TP e ao quadro contextual da história. Cabe ressaltar que esse apêndice não discute escolhas tradutórias e que, embora evidencie a voz do tradutor, assemelha-se mais ao trabalho de um editor. Quanto à sua organização, não dispus as entradas em ordem alfabética, mas em ordem de pertinência das informações, respeitando certo encadeamento, indo do mais geral para o mais particular. Essa é apenas uma proposta inicial do apêndice, uma vez que se dispõe, inclusive, da tradução de apenas um terço da obra até o momento.

Observa-se que, das cinco entradas propostas, três delas (*IVG, faiseuse d'anges* e *Le Planning Familial*) dizem respeito ao *status* do aborto na França, o que vai de encontro à motivação para a tradução do livro e ao público-alvo visado no projeto de tradução. Assim, apresentei ao leitor o histórico da luta pelo direito à IVG e as políticas atuais relacionadas ao aborto na França. Quanto às informações apresentadas, busquei não deixar tão evidente, na escolha das palavras, meu posicionamento — embora a própria oferta de informação já seja, de fato, um posicionamento. Isso porque julguei ser mais pertinente deixar o leitor livre para, ele mesmo, comparar a situação da França com a do Brasil e fazer uma leitura crítica da realidade — crítica que, grande parte das vezes, antecederá e justificará o interesse pela leitura do livro. Preferi, assim, não apresentar muitas informações em relação ao aborto no Brasil por essas estarem mais à disposição do leitor brasileiro e por não querer que o apêndice adquira, declaradamente, um caráter “panfletário”. No entanto, por meio da palavra *ainda*, em “Em 2016, no Brasil, o aborto **ainda** é uma prática ilegal”, já deixei claro meu ponto de vista e minha expectativa de que o Brasil trace o mesmo caminho da França.

Além disso, trouxe mais informações sobre a Soeur Sourire e sobre a versão brasileira da música, cuja letra, a meu ver, chega a ser uma ironia tendo-se em conta a história de vida da cantora belga e o acontecimento de Annie Ernaux: por um lado, é a história de três mulheres desamparadas, abandonadas à própria sorte, mas, por outro, a visão de vida da Dominique brasileira destoa do posicionamento mais feminista e independente de Annie e Soeur Sourire, que, de forma alguma, ficaram sentadas esperando a chegada de um homem ou, como diz a canção, de um “príncipe encantado”, para tomar alguma atitude. Todavia, essa é uma leitura minha e achei melhor deixar essa interpretação aberta para o leitor. Também

apresentei mais informações sobre a vida da cantora francesa após a saída da ordem dominicana, enfatizando sua luta pelas questões das mulheres, fase que não fica muito clara dentro da obra de Ernaux e que acredito que contribua para a leitura do livro.

Finalmente, em relação às três expressões literárias mencionadas pela autora no romance, decidi apresentá-las ao leitor brasileiro, acompanhadas de um resumo de cada obra, por dois motivos: um, para solucionar o problema de tradução apresentado anteriormente, em relação ao título do romance de Virginia Woolf, deixando claro quais são os três livros citados; dois, por entender que o conteúdo das três obras esteja diretamente ligado com a vivência do acontecimento por Annie — motivo pelo qual esses três livros possam ter marcado essa época de sua vida. Temos uma viagem iniciática, de autoconhecimento e de passagem para a fase adulta, realizada por uma mulher em um momento complicado de sua vida; temos uma crítica à moralidade e à visão do mundo pelo viés religioso; e temos uma segunda viagem, que pode ser compreendida como uma viagem interior para um lado mais escuro de si, para a própria “noite”, ligada a vivências externas também bastante difíceis. Nesse caso, também ofertei a informação sem relacioná-la com a história de Annie, deixando o leitor livre para fazer as próprias interpretações.



## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Mais en quoi suis-je la même?*  
(ERNAUX, 2011, p. 40)

Neste trabalho, busquei, por meio da minha proposta de tradução do romance *L'événement*, de Annie Ernaux, discutir a pertinência da escolha por uma tradução mais permeável quando da tradução de obras literárias autobiográficas, principalmente no que diz respeito à tradução das referências culturais presentes na narrativa. Procurei afastar o debate da tradicional polêmica sobre tradução fiel/infiel ou sobre as “perdas” da tradução, de modo a focar nos ganhos que ela proporciona. Também chamei a atenção para o fato de que a tradução é uma atividade interpretativa que exige senso crítico e reflexão, além de criatividade para solucionar problemas, o que confere ao tradutor um lugar de autoria secundária e o retira do lugar ilusório de mero reproduzidor. Acredito que esse posicionamento venha contribuir para a visibilidade e a valorização da profissão de tradutor, sobretudo quando este passou por uma formação para exercê-la.

Também levantei a reflexão acerca do aborto, tema da obra traduzida, e de seu atual *status* na França e no Brasil. Como vimos, Ernaux (2003) entende a escrita como “uma atividade política, que pode contribuir para a revelação e mudança do mundo ou, ao contrário, reforçar a ordem social, moral existente” (p. 74), no sentido de que toda obra literária busca dialogar, de algum modo, com o estado das coisas no mundo. Por esse ângulo, a tradução também pode ser vista como uma atividade política, na medida em que coloca em circulação um novo texto (uma nova ideia, um novo ponto de vista, uma nova realidade — sendo *novo*, aqui, aquilo que é *diferente*) em um novo meio, permitindo que haja, através do contato com o Outro, a reescrita e a reordenação das diferenças: linguísticas, culturais, políticas, sociológicas, etc.

Sendo assim, pode-se pensar que a própria escolha do texto a ser traduzido (e possivelmente a aceitação de um encargo de tradução também) aponte para a identificação do tradutor com o texto e para a avaliação de que a tradução em questão trará contribuições majoritariamente positivas para o público a que se destina. É nesse sentido que o tradutor — e não apenas o autor, o editor, o cliente — também é responsável pelo texto que reescreve. Retomando Pym (1997), traduzimos o que traduzimos, da maneira como traduzimos porque temos consciência de por que traduzimos (p. 16).

Em relação à marginalização da tradução, Venuti (1998) argumenta que a tradução “é tratada de forma tão desvantajosa em parte porque propicia revelações que questionam a autoridade de valores culturais e instituições dominantes” e porque “chama a atenção para as condições e efeitos questionáveis dessas instituições, para as contradições e exclusões que as tornam possíveis — e as desacreditam” (p. 10-1). Espero, assim, que este trabalho e a futura publicação de *O acontecimento* no Brasil possam contribuir para o questionamento da ordem estabelecida, isto é, a criminalização e a falta de acesso seguro ao aborto no país, e ajudar a respaldar a luta das mulheres pelo direito de poderem tomar, elas mesmas, as decisões que só dizem respeito ao seu próprio corpo e à sua vida, e não ao Estado. Também acredito que seja positiva a “vinda”, por meio da tradução, de Annie Ernaux para o Brasil, autora que merece ser lida pela qualidade de sua escrita e por tudo o que tem a dizer, especialmente às mulheres. Espero, por fim, ter contribuído igualmente para promover o crescente engajamento político em trabalhos acadêmicos e para fomentar a luta feminista, importante para a sociedade como um todo, dentro da academia.

Em um próximo momento, pretendo estender esta pesquisa, com que muito me identifico, explorando o que mais está ou pode estar em jogo na tradução de textos literários autobiográficos, apoiando-me, para isso, especialmente na obra de Annie Ernaux. Gostaria de aprofundar o estudo sobre a relação entre tradução e enunciação, sobre o desconstrutivismo na tradução, sobre a subjetividade inerente ao processo tradutório e sobre o gênero autobiográfico em si — áreas que certamente dialogam com a psicanálise. Mais especificamente, pretendo investigar a presença possivelmente enganosa de três vozes ou de três momentos de enunciação na tradução de textos literários autobiográficos — relativas ao personagem, ao autor e ao tradutor —, na medida em que as lembranças do escritor e a forma como ele lê (e escreve) a própria história estão necessariamente ligadas a quem ele é no momento da escrita — o que me leva a me interrogar, ainda, sobre o funcionamento da memória. Tudo isso sem deixar de lado o interesse pelo texto feminino e feminista.

O que espero, finalmente, do trabalho como tradutora, alavancado pelos estudos em tradução, é proporcionar o contato com outras vozes, outras culturas, outras ideias, outras formas de ver o mundo, outras realidades, outras histórias, outras versões de histórias, que permaneceriam inacessíveis, na maior parte das vezes, se não fosse pela tradução. Venuti (1998) observa que “A tradução, como qualquer escrita, é geralmente praticada em condições solitárias. Mas ela liga multidões, frequentemente nos grupos mais inesperados” (p. 15). E é

traduzindo que espero poder tocar outras pessoas e contribuir para sua formação, desenvolvimento e transformação — possível quando há tolerância, diálogo e pluralidade.



## REFERÊNCIAS

- ARROJO, Rosemary. **Oficina de tradução: a teoria na prática**. 5.ed. São Paulo: Ática, 2007.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 6.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- BENEDETTI, Ivone Castilho. Prefácio. In: ADAIL, Sobral; BENEDETTI, Ivone (Org.). **Conversas com tradutores: balanços e perspectivas da tradução**. São Paulo: Parábola, 2003. P. 17-31.
- CESAR, Ana Cristina. **Crítica e tradução**. São Paulo: Editora Ática, 1999.
- ERNAUX, Annie. **Écrire la vie**. Paris: Éditions Gallimard, 2011.
- ERNAUX, Annie. **L'écriture comme un couteau**. Paris: Stock, 2003.
- ERNAUX, Annie. **L'événement**. Paris: Éditions Gallimard, 2000.
- FREITAS, Angélica. **Um útero é do tamanho de um punho**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- GALISSON, Robert. **De la langue à la culture par les mots**. Paris: CLE International, 1991.
- HONDA, Lílian. Disponível em: <<http://pontoafinal.zip.net>>. Acesso em: 1 dez. 2016.
- HURTADO ALBIR, Amparo. **Traducción y traductología: Introducción a la traductología**. 4.ed. Madrid: Cátedra, 2008.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**. Um conceito antropológico. 5.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.
- LISPECTOR, Clarice. **Água viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- MARTINS, Dileta Silveira; ZILBERKNOP, Lúbia Scliar. **Português instrumental: de acordo com as atuais normas da ABNT**. 29.ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- MESCHONNIC, Henri. **Poétique du traduire**. Verdier: Lagrasse, 1999.
- PYM, Anthony. **Pour une éthique du traducteur**. Arras: Artois Presse Université, 1997.

NORD, Christiane. **La traduction: une activité ciblée**. Introduction aux approches fonctionnalistes. Tradução de Beverly Adab. Arras: Artois Presses Université, 2008.

RIEGEL, Martin et al. **Grammaire méthodique du français**. 4.ed. Paris: Puf, 2009.

SANTANA, Bianca. No útero, no imaginário, no cotidiano. **Revista CULT**, São Paulo, n. 216, ano 19, p. 32-35, set. 2016.

VENUTI, Lawrence. **Escândalos da Tradução: por uma ética da diferença**. Tradução de Laureano Pelegrin et al. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2002.